Thalita Rebouças

Traição entre Amigas

ROCCO
JOVENS LEITORES

- NAO ADIANTA, eu não consigo ficar, Penélope! Beijar um menino assim, logo depois do 'oi, tudo bem?'... De jeito nenhum! Não consigo nem me imaginar fazendo isso! Para eu beijar alguém, preciso de muita coisa antes: olho no olho, mão na mão, dias e dias de cineminha, jantarzinho, paparico... Sem contar que eu preciso estar com predisposição para amar aquela pessoa...
- Como assim? Beijo não tem nada a ver com amor, Luiza!
Penélope e Luiza eram daquelas amigas que não desgrudavam nem para ir ao banheiro. Faziam tudo juntas, falavam-se vinte vezes por dia, adoravam-se incondicionalmente, gostavam das mesmas músicas, dos mesmos filmes, mas discordavam em alguns assuntos. E, como já deu para perceber, beijo era um deles.
Uma relação não pode começar com um beijo. Beijo é Lu i íntimo... - Luiza defendia seu ponto de vista.
- Então, está bem, Madame Certinha. Da próxima vez em você ficar sem namorado não vai reclamar no meu ouvido que odeia solidão, que garotos não prestam, que eles são lotli iN Iguais, essas coisas.
-É que eu acho que eles gostam de um joguinho duro,
Sabe?
- Jogar duro não é beijar só na décima vez que você sai
com um cara! A vida não é uma regrinha, Luiza, não é um molde que você cria para você mesma se engessar nele – estrilou Penélope
Luiza estava sozinha há um ano, desde que seu último namorado, o Neco, fora para Boston com os pais, profissionais de informática. Ele achou que ficaria só quatro meses, tempo previsto pelo contrato inicial. Mas todos acabaram se dando bem na terra do Tio Sam e os planos mudaram. Neco já estava até mesmo matriculado em uma universidade.

Desde que ele fora embora, Luiza não se envolveu com ninguém. Um beijo na boca aqui, seis meses depois outro ali, nada de mais. De repente, começou a ter algo mais sério com Vicente, um jovem (e lindo, mil vezes lindo) diretor de teatro amador. Não chegava a ser um namoro. Eles não se ligavam todos os dias, não se encontravam todos os dias, mas sempre que se viam ficavam juntos, de abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim.
Você está há quase cinco meses com o maravilhoso do Vicente e tem a cara-de-pau de me dizer que ainda não rolou nada? Você tem noção de quantas meninas adorariam estar no seu lugar?
Todas aquelas aluninhas dele - admitiu Luiza.
Então, Lu! Quer que alguém tire o cara de você, é?
Claro que não, Penélope!
Vicente tinha 24 anos, seis a mais que Luiza, e, além de dar aulas de teatro e dirigir montagens com atores novatos, atuava em espetáculos de pouca visibilidade e escrevia sobre teatro alternativo para um jornalzinho da Gávea, bairro onde crescera e morava. Ah, sim, ele era louco por teatro experimental, pi-ra-va com atuações e direção não convencionais e com aqueles textos que não dizem lé com cré (o que fez Luiza dar para o primeiro mendigo que encontrou sua camiseta preta que berrava em branco "EU TENHO MEDO DE TEATRO EXPERIMENTAL"). Dizia ler Brecht e Nietzsche nas horas vagas, jogava capoeira e fazia um sucesso absurdo com as meninas. Mesmo quando estava de óculos, cujas lentes grossas carregavam 11 graus de miopia.
Seus cursos chamavam mais atenção por seu abdômen definido que por seu currículo. Inscrições anunciadas, sinônimo de filas na porta da Casa do Ator, onde ele dava aulas. Suas turmas tinham seis meninas para cada garoto.
E se ele me der um pé na bunda logo depois que rolar? - quis saber Luiza, a insegurança em forma de gente.

- Se ele te der um pé na bunda é um idiota completo, porque você é linda demais, poderosa demais, especial demais e fofa demais, e não se acha uma Luiza na esquina a toda hora. Quem vai sair perdendo é ele!
E bem verdade que Luiza não era tão linda e poderosa assim. Mas Penélope queria vê-la sem aquela ruguinha entre as sobrancelhas, precisava arrancar-lhe um sorriso.
Por que para você é tão simples? Por que eu penso sempre que todo homem que se aproxima de mim só quer saber de sexo?
Tudo era problema para Luiza, desde ir ao Maracanã até fritar um ovo. E acabara de entrar para a faculdade de Psicologia! Parece brincadeira, mas seu sonho era resolver os problemas dos outros.
Assim que passou para a faculdade, começou a ter acessos de vergonha ao se imaginar analisando alguém no divã. Por isso foi lazer teatro, para perder a timidez. Afinal, uma analista não podia ter vergonha de nada. Dentro de quatro anos ela saberia os segredos mais escabrosos de um bando de gente e não poderia ruborizar ao ouvi-los
Os pais não davam muita força para o curso de teatro.
Achavam um meio de promíscuos, depravados, boêmios, má influência. Não queriam ver a filha educada em colégio de freiras indo para o que chamavam de "mau caminho". Então conheceram Penélope. Piorou a situação.
- Como é que essa menina de 19 anos mora sozinha? Onde já se viu morar sozinha com 19 anos?
- Foram as circunstâncias, já te expliquei. A Penélope não se adaptou no Recife, senão estaria morando com a mãe até hoje. Com o pai não dá para ficar porque ele mora a duas horas e meia do Rio, longe à beça da faculdade dela. Por isso a Pê mora sozinha; a mãe vai bancar seu apartamento enquanto ela estiver na faculdade.

- Eu acho essa menina muito saidinha, muito nariz-em-pé, muito arrogante, metidinha. Muito independente para o meu gosto.
- Ela não é nada disso! É uma grande amiga e eu não admito que você fale assim dela!
- Não admite! Que audácia! Bom, minha filha, há um sábio ditado que diz "Diga-me com quem andas que te direi quem és". Quando começarem a te chamar de menina fácil, não vai dizer que não te avisei.
Fácil é ótimo! Ela não conhecia mesmo a filha. As discussões eram freqüentes, mas até que Luiza as contornava bem. Certa vez disse aos pais, cheia de convicção, que não sairia do teatro por nada. Acreditava que o curso a tornaria uma profissional infinitamente melhor do que seus colegas de faculdade.
Com o tempo, a chatice paterna foi diminuindo. Parou por completo depois da primeira montagem. Ficaram orgulhosíssimos de ver Luiza no palco, chamaram toda a família, tiraram fotos, foram em todos os dias de apresentação, parabenizaram o diretor, choraram, uma loucura.

As duas estavam no quarto de paredes lilás de Penélope, com milhões de roupas jogadas sobre a cama e produtos de maquiagem espalhados por todo canto. Vez em quando se espremiam no minúsculo banheiro para dividir o espelho cuja moldura ultra colorida trazia os dizeres *Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda, maravilhosa, gostosa, sensacional, apoteótica e absoluta do que eu?.* Garotas não vivem sem espelho, ainda mais quando têm um programa no qual vão ver e ser vistas. Elas estavam se arrumando para uma festa na casa da Pauleta, do teatro.

- Tem que ser hoje, Luiza! Vai linda que de hoje não passa! - brincou Penélope.

- Acho que não, acho que não. Não sei se estou preparada.

- Preparada? Vem cá, você não se sente a pessoa mais feliz do mundo quando está com ele?

- Arrã.

- Então, Lu! Preparada para quê? Vocês se gostam, é isso que importa!

-Não sei... Será que ele gosta de mim? Ai, como você é chatinha!

-Eu sou, mesmo. Mas toda menina é. Outro dia recebi por e-mail uma frase ótima: "Homem é bobo, mulher é chata." Não é exatamente isso?

As duas riram da sábia frase. Penélope mudou de assunto.

-Luiza, conta para mim... O Vicente usa ou não usa cueca?

-Sei lá!

-Deixa de ser cínica! - gritou Penélope, enquanto atirava uma almofada em forma de coração em Luiza, que se fez desentendida

Essa é a dúvida de dez entre dez alunas que estudam na Casa do Ator e você é a única que pode esclarece-
-la. Como é? É quase todo dia de cueca e algumas vezes sem? Ou sempre sem cueca?
A conversa ia bem. Aos comentários maliciosos da amiga, Luiza nem respondia. Apenas balançava a cabeça sorrindo.

O quarto de Penélope era a sua cara. Um mural enorme com fotos de amigos e parentes ocupava toda a parede em frente à cama, uma luminária roxa repousava sobre a mesi-nha-de-cabeceira e uma cama japonesa, dois pôsteres de Marilyn Monroe, sua musa preferida, e cinco espelhos com moldura colorida completavam a decoração.
- Dá para me emprestar aquela gargantilha turquesa? -pediu Luiza.
- Dá para você *comprar* aquela gargantilha turquesa em vez de sempre me pedir emprestada? Sou uma estudante que vive de vender bijuterias, mas se minha melhor amiga não dá força para o meu negócio quem vai dar? Quem? Quem? -brincou Penélope.
Desde que voltara para o Rio, Penélope ganhava a vida com a pensão do pai e com a venda de suas bijuterias. Sempre fora criativa, mas seu talento para confecção de adereços só viera à tona em Recife, quando sua mãe lhe pediu para ajudá-la a diversificar os produtos de sua loja de roupas.
Criou gargantilhas, pulseiras e brincos e passou a vendê-los para cada vez mais meninas ávidas por novidades e acessórios exclusivos, inventivos. Comprava a maioria do material (contas, fios de náilon, pedras, tudo muito colorido) na Saara, maior comércio popular do Rio. Com as peças na mão, rodava faculdades, praias e barzinhos e não raro comercializava seus produtos em feiras de moda alternativa.

A faculdade era seu pai quem pagava. Nem ela sabia ao certo porque escolhera jornalismo. Na verdade, acreditava que era seguro ter um diploma na mão caso não desse certo como atriz, algo em que nem gostava de pensar.
Conheceu Luiza no curso de teatro e logo no primeiro dia, em um exercício de improvisação, as duas se deram superbem. Por morar perto dela, passou a ir de carona para as aulas na Casa do Ator, que ocupava um casarão de três andares numa rua simpática e tranqüila do Horto. Nesse meio-tempo, conversavam sobre faculdade, cremes, bolsas, dietas, manicures, garotos, pontas de estoque... Assim, em pouquíssimo tempo, ficaram amigas. Das mais íntimas.
Iam juntas à praia, ao cinema, ao teatro, a barzinhos, tinham o mesmo grupo de amigos, gostavam dos mesmos shows e dos mesmos lugares. E também dos mesmos caras. Penélope nunca escondera que achava Vicente o supra-sumo da beleza. Ela e toda a torcida do Flamengo. Mesmo os homens.
- Sabe o que o Emílio me disse? Que morre de inveja de você Luiza, e que acha o Vicente o bofe mais lindo do mundo depois do David Beckham, do Alain Delon e do Bono Vox.
- O Emílio é hilário! Lembra quando ele começou a perguntar muito sobre o Álvaro?
- Claro aquele amigo do Vicente metido a intelectual. Esse mesmo. Um belo dia, no meio da aula de teatro, ele me perguntou se o cara dormia na caixa.
-E o que você disse? - perguntou Penélope, rindo.
-Que eu não tinha idéia do que era dormir na caixa! Aí ele caiu na gargalhada e explicou com a maior naturalidade “quem dorme na caixa é boneca, amada!".
As duas rolaram de rir. E, a quem interessar possa, Álvaro não era gay. Era heterossexual convicto; só não era do tipo namorador, por isso estava sempre sozinho em festas e eventos.

Emílio era um shiatsu-terapeuta de 23 anos, grande amigo de Penélope desde que ela batera à porta de seu consultório para cuidar de uma dor lombar. Fazia teatro há seis meses, levado pela cliente, claro. Na Casa do Ator, foi apresentado a Luiza e passou a sair sempre com as duas. Penélope brincava, dizendo que ele era "mais uma concorrente nesse mercado dificílimo", mas o considerava seu consultor para assuntos amorosos.

- Porque o mundo é injusto à beça! Homens não têm celulite, homens ficam charmosos de cabelo grisalho, homens não gastam uma grana com creminhos e bobagens estéticas, homens não sofrem com depilação, homens têm barriga e não estão nem aí para isso, homens não ligam no dia seguinte... Mas, um dia, isso vai mudar! - esbravejou Penélope.
O comentário era batido, mas as duas morreram de rir com o discurso inflamado.
-Penélope, querida, você vai mesmo com esta saia rosa choque e essa bolsa de oncinha? Não é demais não? - perguntou Luiza ao constatar a forma nada convencional como a amiga se vestia. Para arrematar o visual, a aspirante a atriz pôs uma blusa preta de gola alta, com plumas.
-Isso é estilo, fofoleta. Es-ti-lo. Olha o interfone, deve ser o Emílio.
Atende lá e fala que a gente já desce.
Claro que as duas ficaram mais meia hora trocando de roupa, mudando a cor da sombra, lixando a unha que quase arrebentara uma meia-calça, dando aquele último retoque no cabelo, coisas de garotas. Apesar de entender a alma feminina, Emílio não achou a menor graça naquilo.
-Vou sozinho, monas! Não estou no *mood* para aturar atraso, não! Odeio esperar! Depois não entendem por que os bofes largam vocês! Custava ter me dito para subir? Eu esperava aqui, no ar-condicionado, ouvindo Barbra Streisand, lendo e comentando a *Caras*...
As duas ignoraram o piti de Emílio, que vestia calça jeans e uma camiseta justinha, com o Mickey Mouse estampado, que deixava parte do seu dragão tatuado no braço à mostra. Exibia ainda um novo piercing, na sobrancelha. Era o quarto. Tinha um em cada orelha e um bem pequerrucho no nariz.

As lestas na casa da Pauleta eram das mais animadas. Seu namorado, o Chico, era DJ, e sempre fazia o som dos eventos. Vicente tinha ido gravar um comercial e preferiu marcar com
Luiza na festa, para não atrasá-la, já que ele não sabia a que horas a gravação iria acabar.
Coube no carro da estudante de Psicologia quase toda a turma do teatro. Além de Penélope e Emílio, os dois no banco da frente espremiam-se atrás Rebecca , Quitos, Robertinha, Jorge e Danica. Para quase matar Luiza de vergonha no longo trajeto até Santa Teresa, todos foram cantando músicas bregas, de janelas abertas, aos berros, numa felicidade infinita.
A festa estava cheia, a rua também, e Luiza, para variar, não conseguiu estacionar (era péssima de vagas em ladeiras) e pediu para Emílio fazer isso por ela. Assim que chegaram, foram para a varanda, que já estava entupida. É que a vista era sensacional, simplesmente o Rio ali, sorrindo para quem fosse dar uma espiada nele. O cartão-postal mais bonito do mundo (aquele que reúne o Cristo, o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, a Lagoa... tudo, tudo, tudo), ao vivo e em cores, emoldurado pela janela. Não fosse o som inspirado e convidativo do Chico, eles não arredariam o pé da varanda tão cedo.
Logo foram seduzidos para a pista. Chico caprichou atrás das *pickups*. Misturou Beatles com Martinho da Vila e Macy Gray com Cartola com uma categoria impressionante; não deixou ninguém parado. Tocou muita música brasileira, Simonal, Benjor, Erasmo, Roberto, Elis, Elza Soares, D2, Cássia Eller, Nando Reis, Lenine, Barão Vermelho, Pedro Luís e A Parede... Um som nada óbvio, nada clichê, incapaz de deixar parado qualquer sujeito bom da cabeça e do pé.
- Olha quem está chegando - Penélope cutucou Luiza apontando para a porta.
- Meton, Renato, Cal e Claudia. A turma do violão! - disse Luiza.

-E com violão! - gritaram as duas, caindo na gargalhada. Era sempre assim. Quando a turma do violão chegava, o
povo ficava tenso. Uns torciam para que a festa virasse um grande sarau, outros tinham pânico só de pensar que o bala-ço dançante corria o risco de se tornar uma enxurrada de *Andanças, Rondas, Espanholas* e *Léos e Bias.* A sorte é que a casa da Pauleta era grande, eles tinham todo o andar de cima para se arrumar e dar início à violada. Aliás, não demorou muito para isso acontecer. As festas da Pauleta eram maravilhosas, tinham lugar para todo mundo.
Penélope e Luiza continuaram na pista. Quer dizer, na sala que fazia as vezes de pista de dança. De repente, uma garota berrou que queria música baiana. O Chico se recusava veementemente. Um batalhão liderado pela Juca - amiga rebolativa que sabia de cor o nome de todos os integrantes de todas as bandas da Bahia - começou a pedir a bunda-música, mas o DJ não sucumbiu à pressão. Como sentiu que as meninas queriam rebolar, ele atacou de *Kiss,* do Prince, seguido de *Melo do Piripipi* e *Conga, la Conga,* da Gretchen. Aquele trio sempre agradava.
Chico apenas ria vendo as desinibidas rebolando até embaixo e fazendo caras e bocas. Penélope também se divertia, mas Luiza achava vulgar, desnecessário, puro exibicionismo.
- Olha lá, Chico e Pauleta se beijando... Os dois formam o casal mais lindo que eu já vi... - comentou Luiza.
- Ih... Já entendi. Está batendo saudade do seu gatinho, né?
Luiza deixou a cabeça cair para um lado e riu, boba, admi-tindo que não via a hora de dar muitos beijos em Vicente. As duas foram interrompidas por Ritinha, a baiana espevitada e engraçadíssima que quando descrevia seu cotidiano matava de rir com a interpretação.
- Fiquei com o Rato na festa de Lília - disse ela, com um S(uaque baiano arretado de forte, como se tivesse acabado de i negar de Salvador.
- Menina, conta, e aí? Beija bem?

- E a única coisa que ele sabe fazer. E não é dos melhores não, hein?
Ela estava dizendo que o Rato, surfistinha sarado da turma do teatro para quem todas davam mole, além de não ser a apoteose que imaginavam, não beijava bem. Não beijava bem!
uma revelação importante. Importantíssima.
- Só sabia olhar pro céu e dizer: "Cara, maior sudoeste vai dar amanhã."
Dava três segundos e ele, incansável, mandava:
"Que sudoeste irado vai dar amanhã." Ele praticamente ignorou a minha presença! Aí é o cúmulo da falta de noção, né não?
-Ritinha, vamos para a varanda. Preciso saber detalhi-nhos tão pequenos de nós duas sobre essa história - disse Penélope assim que avistou Vicente entrando na festa. Deu uma piscadela para Luiza e saiu.
Os olhos de Luiza brilharam quando cruzaram com os de Vicente. Nem ela acreditava naquilo, mas era a mais pura verdade. Seria um primeiro passo para uma paixonite?
Primeiro passo... arrã. O mundo inteiro achava que a paixonite de Luiza tinha começado há tempos, menos ela.
Abriu um longo sorriso e foi correndo abraçá-lo.
-Até que enfim! Demorou pra caramba esse comercial, hein? Achei até que você não viria!
-E perder uma festa dessas? Claro que não!
Os dois se beijaram. Luiza bem que tentou prolongar o beijo, mas Vicente estava pensando em outra coisa.
- Preciso relaxar, Lulu. Deixa eu acender um cigarro, tomar uma cervejinha, depois a gente se cruza.
- Vai fumar, Vicente? Você não disse que estava parando? Fumar é tão caído, não combina com você.

- Quase não estou fumando, bonita, só um ou dois por dia, no máximo! - justificou-se, já tirando do bolso um maço e acendendo um cigarro. Luiza queria ter insistido, mas não podia. Ele não era seu namorado! Não queria encher o saco do cara, mas ficou irritadérrima. Procurou Penélope e a viu conversando com o Gustavo, ou Gugs, um loirinho-todo-gatinho, gente boa até dizer chega. Estava rolando um clima, não ia atrapalhá-los.

Ficou sozinha um tempão, pensando o quanto achara Vicente estranho. Coisas que só garotas passam um temp.n | pensando. "Por que será que ele está frio comigo? Será que eu disse alguma coisa errada?"

Problema era com ela mesma. Tempestade em copo d'água, então, nem se fala! Não adiantava, pensava sempre o pior.

Vicente voltou em alguns minutos. Começou a abraçá-la.

-Sai, Vicente. Você está com um cheiro insuportável de cigarro! Odeio esse cheiro e odeio beijar cinzeiro!

- Qual é, bonita?

- Não gosto, cara, já disse.

0 clima ficou esquisito. Vicente desvencilhou-se de Luiza, virou o rosto e, com a mão na nuca, ficou olhando para o lado, fulo de raiva. Luiza se tocou.

-Vem cá, desculpe. - Ela tratou de abraçá-lo de novo. - É que eu queria estar com você, te abraçando e te dando muitos beijos, mas aí você chega e me deixa séculos sozinha! Vamos embora dessa festa!

Ela estava sendo uma sem-noção (ou "sem loção!" como exclamaria Emílio) e sabia disso. Ninguém gosta desse tipo de cobrança, ainda mais sem estar oficialmente namorando.

- Ai, Luiza, espera aí, então! Vou ver se alguém tem uma bala para tirar o gosto do cigarro, tá?

- Tá, tá! - disse toda feliz. "Ele dá importância ao que digo”, imaginou.

Imaginou errado. O cara demorou séculos para voltar. Encontrou uns amigos, começou a armar uma pelada parao dia seguinte, a comentar o jogo da noite anterior, um papo futebolístico realmente sensacional.
Luiza viu. Ficou injuriada. Vicente não estava com a menor pinta de que ia parar a conversa no meio para ficar com ela. Não se deu por vencida. Se Maomé não vai à montanha, a in-su-por-tá-vel da montanha vai a Maomé.

- Vicente! Cadê a bala? - cutucou-o, puxando-o para um canto.
- Luiza, eu não vejo esses caras há muito tempo!
- Eu também não te vejo há muito tempo!

Chata, chata, chata. Como se não bastasse, Luiza arrematou:

- Vamos embora, eu te faço uma massagem, garanto que você vai relaxar mais do que nesta conversa ridícula sobre futebol.
- Pirou? Acabei de chegar! Se está a fim de ir para casa, vai. Amanhã a gente se fala - disse ele, seco.

Luiza ficou chocada, sem ação. Não esperava uma resposta dessas. Já começava a achar que ele nunca mais a procuraria, que iria trocar de calçada quando a visse, aqueles pensamentos de Luiza.

-Está certo. Amanhã a gente se fala, então - concordou, tentando disfarçar a irritação e as manchas vermelhas que lhe nasceram no colo e no pescoço, coisa, aliás, que sempre acontecia quando ficava nervosa.

Foi correndo falar com Penélope, que dançava empolgadérrima com Emílio, quase num transe, "Madalena (entra em beco, sai em beco)", do repertório de Gil, ela e a festa inteira cantando aos urros o refrão.

- Você tem como voltar para casa? - quis saber Luiza.
- Claro que sim, carona é o que não vai faltar por aqui, por quê?

- Porque o Vicente prefere conversar com um bando de idiotas a ter uma massagem relaxante feita por mim - choramingou.
- Ele falou isso?! - reagiu Penélope, indignada, fazendo força para escutar a amiga, por causa do som alto.
- Falou. Estou com vontade de voar no pescoço dele, mas vou manter a calma. Vou embora em cima do salto.
-Isso mesmo, Luiza! Não se preocupa com o resto do povo, não. Todo mundo sabe voltar para casa sozinho. De repente a gente racha um táxi.
-Jura? - perguntou Luiza.
-Juro! Vai embora, toma um banho frio e esquece. Amanhã a gente se fala quando acordar. Se tiver tempo bom, a primeira que acordar liga para a outra? Vamos pegar uma praia, Lu, que é o melhor remédio depois de uma noite dessas.
A dança rolou por muito mais tempo. Penélope e Emílio não se desgrudaram a noite toda. Quando ela foi pegar uma água, esbarrou com Vicente.
- Oi, bonita! O que você quer? Fala que eu arranjo.
- Uma água.
- Sai uma água estupidamente gelada para a Penélope Charmosa!
Ele mesmo pegou um copinho de água no fundo do isopor e abriu. Ela agradeceu. Os dois trocaram sorrisos. Vicente abriu seu melhor sorriso para Penélope, com todos os dentes e covinhas à mostra, supersimpático; ela lhe deu apenas um riso cordial, sem sequer abrir a boca.
Assim que Penélope voltou para a pista, começou a tocar música lenta. Nas festas da Pauleta sempre rolavam aquelas musiquinhas-fim-de-festa para unir solteiros. Era o único lugar do Rio onde ainda se tocava música assim. Todos amavam. Emílio a tirou para dançar.
- Por que você é gay, Emílio?! Podia ser meu namorado!

- Fófi, os gays são os homens mais lindos, inteligentes, charmosos, sexies e divertidos que existem na face da Terra. Têm bom gosto, estilo, são bem-humorados... Enfim, eu me enquadro perfeitamente neste perfil. Respondi sua pergunta?
Enquanto dançavam, Penélope percebeu que Vicente a olhava insistentemente. Aquilo a incomodava. "Quem ele pensa que é? O rei da cocada preta? Eu sou a melhor amiga da Luiza, seu cretino", pensou.
Irritação à parte, dançou quatro músicas de rosto colado com Emílio. Depois cansou. Hora de ir para casa, a noite estava chegando ao fim, uns babando no sofá, outros derrubados, já na fase do cafezinho para dar aquela reanimada.
Quando foi pegar sua bolsa no quarto da Pauleta, foi surpreendida por Vicente, que a pegou pelo braço e sussurrou em seu ouvido pedindo que dançasse com ele.
-Acho melhor não, Vicente. Estou cansada, louca para me jogar na cama e dormir.
-Como é que você vai voltar se sua amiga já foi embora?
-Vou arrumar uma carona ou dividir um táxi com o Emílio.
- Deixa o Emílio para lá... Vai comigo!
- Claro que não. Está maluco? Combinei de voltar com ele!
-Então eu levo os dois, estou de carro. Mas só depois de dançar com você.
Era fato consumado: Vicente estava dando em cima de Penélope. Alguém duvida?
Insistiu tanto que ela acabou cedendo. Durante a música, Vicente acariciou suas costas, fez cafuné, encostou sua bochecha na bochecha dela... Ela bem que tentou se esquivar, não se sentia nada confortável dançando com o cara que acabara de ser grosseiro com sua melhor amiga. Mas, por outro lado, sabia que eram apenas dois amigos aproveitando uma boa música e não havia mal nenhum nisso.

Só que os elogios de Vicente começaram a mudar os pensamentos de Penélope. E ela acabou com a dança. Era "que saia bonita" para lá, "que cabelo cheiroso" para cá, "que mãos macias você tem"... Essa história de pele macia, aliás, fala sério! Todo cara vem com o mesmo papo logo na primeira oportunidade!
Saíram da festa. Depois de deixar Emílio em Botafogo, Vicente rumou para Ipanema e em pouco tempo estavam na Barão da Torre, em frente ao prédio de Penélope.
- E então, não vai me convidar para subir, Charmosa? - arriscou Vicente. - Tenho uma coisa para te falar.
- Pode falar aqui mesmo. Não é demorado, é? Estou com sono.
- Até que não, mas é uma coisa tão bacana que acho que a sua felicidade não vai caber nesse meu carrinho.
Verdade incontestável: a frase a deixou derretida. Nem ela sabia por que gostara de ouvir aquilo, não demorou para se pegar sorrindo com dentes demais para uma piada tão pequetita. Claro que depois de uma dessas ela o convidou para subir.
Na escada (o pequeno prédio de três andares não tinha elevador), ansiosa, tentou arrancar de Vicente o que ele tanto queria lhe dizer, mas ele se mantinha irredutível. Penélope começava a desconfiar de que ele a chamaria para um papel em sua próxima peça. Andava olhando muito suas aulas nos últimos tempos. E pensar que ela almejara isso por tanto tempo! Será que Luiza sabia de alguma coisa?
Logo chegaram ao apartamento 302, de fundos. Vicente, cavalheiro, elogiou o apê, "É muito lindo, pequeno, aconchegante", adorou o chão de tacos e riu com os mais de 20 espelhos espalhados pelas paredes da pequena sala. (Penélope, narcisista assumida, tinha uma coleção de mais de 50 espelhos. De vários tipos, tamanhos, molduras, origens e formas.)
Ele escolheu para sentar-se numa poltrona inflável azul-marinho que era a cara da dona da casa.

- E então? Estou curiosa. O que você quer me falar?
- Vai ser assim, na lata? -Vai.

- Então, tá - concordou, respirou fundo, para fazer um pequeno suspense, e soltou: - Preciso de uma atriz para a peça que eu vou começar a ensaiar, e não é amadora não, Penélope. É profissional!
- Como é que é?! - perguntou, sorrisão no rosto, ainda meio sem acreditar.
- É isso mesmo que você ouviu, Charmosa. Os produtores já estão fechando com um divulgador, o espetáculo vai sair em todas as mídias! E a Laura Cardoso vai fazer uma participação especial!
- A Laura Cardoso?! Caraça... Ela é uma das melhores atrizes do mundo, na minha opinião - disse Penélope, espantada com tanta novidade boa.
- Eu também sou o maior fã dela. Agora imagina a *Laura Cardoso* se juntando a um grupo jovem como o nosso e emprestando aquele talento todo para a nossa peça. Vai ser muito bacana!
- Nossa... - suspirou.
Mas faltava o convite oficial.
-E aí? Aceita?
Pronto! Convite oficial feito e sacramentado!
Penélope deu um gritinho agudo e se jogou nos braços de Vicente para abraçá-lo muito, muito mesmo. Não precisava falar nada. Sua felicidade saltava pelos poros. Um abraço apertado foi sua forma de dizer "Sim! Claro que sim! Obrigadaobrigadaobrigadaobrigada!".

Enquanto abraçava Vicente, passaram mil coisas por sua cabeça. Primeiro, a grana que receberia. Pouca, provavelmente (já viu algum ator iniciante ganhar muito com teatro?). Mas quem se importava? Era sua. Conseguida com seu trabalho de atriz. Era seu sonho começando a se realizar. Sem contar que com a peça ela poderia pedir menos dinheiro para o pai.
"Um papel num espetáculo com essa visibilidade vai ser tudo de bom para eu começar a me tornar uma atriz de verdade", era a frase que passeava pela mente de Penélope quando Vicente fez mais uma proposta.
-Acho que isso merece uma comemoração, não?
-Claro! O que você toma? Só tenho vinho, mas nem sei se é bom. E tem água e... café instantâneo também - brincou.
-Vinho, bom ou ruim. Vamos deixar que Baco saúde sua estréia profissional.
Ela estava encantada. Não via a hora de contar à mãe, à Luiza, ao pai, ao Emílio. Abriu a garrafa e começaram a beber. Uma taça, perfil dos personagens, duas taças, detalhes da trilha sonora do espetáculo, três taças, a peça era a única coisa que interessava a Penélope naquele momento. Sua mente ia longe. Já se imaginava sendo aplaudida de pé, rodando o país com a montagem, sendo convidada para testes e mais testes...
-E as minhas cenas? Eu tenho muitas cenas?
-Muitas. E todas rodriguianas. Fortes, tensas, cheias de conflitos...
-E a minha personagem, como é?
- É o máximo, Charmosa! É uma mocinha angustiada, sofrida, amarga, mas ao mesmo tempo tem um caráter para lá de duvidoso, é dada a pequenos furtos... Prato cheio para qualquer atriz!
- Ai, meu Deus! Será que vou conseguir compor uma personagem com essa carga dramática? Estou mais acostumada a fazer comédia.

- Claro que vai, linda! Eu vou estar lá para te ajudar.
- Por que eu e não uma de suas alunas?
/icente deu um gole grande de vinho, olhou firme para ; respondeu:
-Porque você é mais talentosa do que todas elas juntas. Depois levantou da poltrona inflável e foi até o som.
recta procurar algum CD em especial. Pôs para tocar um com umas músicas francesas da década de 60, que Penélope ganhara há tempos da mãe, fã de Charles Aznavour e Barbra.
-Quer conhecer melhor sua personagem? - perguntou, ele, com uma carinha irresistível. - Vem. Vamos criá-la juntos.
Penélope morria de rir. Era pura felicidade. Vicente também. O vinho começava a fazer efeito.
- Olha lá o que você vai fazer comigo, hein, Vicente! SOL uma mocinha. Sem escrúpulos, mas uma mocinha.
- Uma mocinha nada ingênua, que seduz todo homer que se aproxima dela para conseguir o que quer.
- Essa sou eu ou a personagem?
- A personagem, Charmosa. Deixa ela te envolver, peça nós vamos viver uma paixão proibida.
Na mesma hora Penélope virou estátua nos braço? Vicente.
- Como é que é? Achei que você só fosse dirigir...
- Não, quem vai dirigir é o Roberto Bomtempo! Dess eu vou só atuar e, de vez em quando, fazer assistência de ção para ele.
Uau! Viver uma paixão proibida com Vicente assirr estréia? Mesmo que no palco, ela não esperava pc Sentiu um calafrio inesperado.
- E a gente vai... ter que... se beijar?

- Claro, né, Charmosa! Aliás, os beijos devem ser realistas possíveis. - Ele deu uma pausa, pegou c parte da nuca da atriz com a mão direita e procurou o preto dos olhos dela. - Me beija.
Penélope logo tentou se esquivar.
- Que te beijar o quê, Vicente! Endoidou?
- Me beija!
- Não! E a Luiza?
- O que é que tem, Charmosa? Não estou querendo te beijar não, tá? Não se preocupe. Estou falando de beijo técnico. Isso é trabalho, bonita. Trabalho.
Penélope ruborizou. Ficou genuinamente sem graça por entender tudo errado. "Droga!", resmungou mentalmente. Tentou voltar ao assunto Luiza, para tirar o foco do vermelho de suas bochechas.
- Mas a Luiza...
- O que tem ela? Semana passada a Luiza fez duas cenas com beijo. E com o Thiaguinho, aquele moleque boa-pinta e pegador da Casa do Ator.
Beijar ou não beijar? Que questão cruel!
Cruel nada! Cruel só até a página dois! Com o vinho deixando-a mais complacente do que o normal, a questão lhe pareceu simples num segundo momento. "É trabalho, afinal de contas! É minha grande chance", pensou Penélope. E decidiu dar logo o tal beijo técnico em Vicente, até para acabar de uma vez por todas com aquele climinha estranho. "Um beijo só, beijo profissional, não tem mesmo nada de mais..."
Aos poucos foi deixando sua boca ir ao encontro da dele. Mas o diretor do abdômen duro estacou.
-Não dá, não dá. Beijo nesta peça não pode ser assim, bonita. Tem que ser de verdade, com vontade... Os personagens são *calientes* - Vicente a repreendeu, trazendo-a com um puxão para ainda mais perto.

- Mas você acabou de dizer que era beijo téc...
Penélope não conseguiu terminar a frase. Vicente lhe roubara um beijo arrebatador, quente, sedento. Nada técnico. Ela ainda tentou resistir, mas, entorpecida de felicidade e de vinho, acabou cedendo. A cabeça rodava, o mundo rodava. Um beijo... mais um... mais dois... Cada vez mais demorados. Cada um melhor que o outro.
Essa mistura surreal de ficção e realidade, de ensaio e sedução, acabou por levar música, vinho, risos, beijos, abraços e personagens da sala para o quarto.

ÀS DEZ DA MANHÃ o despertador de Taz tocou na cabeceira de Luiza. O dia estava lindo, a praia de Ipanema desavergonhadamente sedutora. Queria pular da cama, pegar a canga e o iPod, atravessar a rua e ir para a praia, mas ela odiava ir à praia sozinha, simplesmente não conseguia. Aliás, ela estava sozinha. Não na praia, mas em seu enorme apartamento de frente para o mar. Seus pais haviam ido a um churrasco em Itaipava, do Nélio, amigo da família.
Mas ficar sozinha em casa era outra coisa - disso ela gostava. Uma manhã sem a ladainha da mãe perguntando como foi a festa, como estava Vicente, quem foi (sua mãe tinha a chatíssima mania de perguntar quem estava nas festas mesmo sabendo que não conhecia um terço dos nomes citados)... Era um sonho.
Aproveitou o silêncio da solidão para pensar sobre como estivera intolerante com Vicente. Intolerante, uma ova! Uma chatona, mesmo! Tudo estava tão confuso em sua cabeça...
Foi para perto da janela olhar o calçadão, as pessoas começando a chegar à praia, as mães empurrando seus bebês nos carrinhos. Por um momento se imaginou caminhando grávida na orla com Vicente.

Na mesma hora sacudiu a cabeça, piscou os olhos e lembrou que não sabia sequer se eles ainda estavam juntos (se é que algum dia eles estiveram juntos) ou se o estresse da noite anterior tinha sido capaz de murchar o relacionamento que apenas começava a engrenar.

O céu estava azul, o mar tranqüilo. Luiza abriu a janela para sentir o cheiro da maresia. Ela sempre gostou de cheiro de mar. Com a brisa batendo no rosto, olhava para a praia e pensava em encontrar Vicente para desfazer o mal-entendido, pedir desculpas. Chegou a imaginar a cena, e ficou impressionada com o quanto pensara nele desde que acordara. "Porcaria! Mil vezes porcaria! Estou mesmo apaixonada por um cara lindo, sarado, talentoso e desejado por toda a torcida feminina do Flamengo", filosofou.

Resolveu botar a memória para funcionar e ficou lembrando de seus relacionamentos anteriores para saber se algum dia estivera tão abobada quanto naquele momento. Coração batendo a mil por hora, mãos geladas e frio na barriga só de se imaginar sozinha com o dito cujo. Pensar nele a todo segundo, querer enchê-lo de presentes, de carinho, de cafuné... É, nunca estivera tão pateta por alguém quanto estava por Vicente.

Não demorou para pensar que, se não fosse Penélope, não teria sequer ficado com ele. Lembrou-se da festa do teatro, quando a amiga quase a jogou em cima do diretor todo bom. Lembrou-se dos conselhos, das dicas sensacionais.

- Se você ligar para ele, eu te mato. O Vicente é muito popularzinho, muito marrento; se você fizer igual às outras, que só faltam lamber a sola do sapato dele, esquece, porque daqui a pouco ele não vai nem saber que você existe.

Ponto para Penélope! Além da experiência, ela absorvia direitinho os toques de Emílio, o conselheiro sentimental da dupla de amigas. Luiza resistiu bravamente e não ligou depois do primeiro beijo, que só rolou depois do ritual Luiza: mão na mão, olho no olho, cinema, um restaurante japonês... Resultado: um convite para sair na sexta-feira, dia nobre, segundo Emílio:

- Prestem atenção, tenho uma diquinha importantésima; decorem porque não vou repetir. Uma pessoa, quando não quer nada sério, só convida para sair nas segundas, terças e quartas. Quinta, sexta e sábado é que são os dias das oficiais e das candidatas com chances reais de se tornarem oficiais.

Desde a sexta-feira nobre, Luiza e Vicente passaram a se ver com mais freqüência, a ficar com mais freqüência. Mas, embora a relação parecesse a cada dia mais séria para Luiza, Vicente não a assumia como namorada e fazia questão de deixar claro, mesmo que nas entrelinhas: podiam até formar um casal. Mas um casal não-oficial. Além disso, ainda não tinha acontecido nenhum momento importante, nem um "eu te amo", nem sequer um "gosto tanto de ficar perto de você", nada do gênero. Ela era bem fechada para essas coisas e ele não parecia amá-la exatamente.

Para o mundo, e para eles mesmos, os dois ainda estavam naquela fase do "estamos nos conhecendo". Mas depois da festa da noite anterior Luiza percebeu que já gostava de Vicente o bastante para querer estar 24 horas por dia ao lado dele.

Olhou para o relógio, uma hora já havia passado. Ligou para Penélope. Ouviu a gravação "Você ligou certo, mas na hora errada. Deixe seu recado após o sinal". Ao fundo, *A minha menina,* uma música dos Mutantes. Ah, sim, Penélope não perdia a mania de querer ser engraçadinha com os recados da secretária eletrônica.

Passou um tempo, Luiza ligou de novo. Mais uma vez. Outra. A amiga não atendeu a nenhum telefonema.
O sol e a vontade de esbarrar com Vicente na praia, em frente ao Posto 9, mataram o pavor de ficar sozinha na areia. Luiza saiu do lado do telefone e a jato botou biquíni, pegou seu iPod, revistas, jogou tudo na bolsa e foi para a praia. Queria dar um mergulho no mar, tentar deixar nas ondas a insegurança, as interrogações e o medo de perder Vicente.
Tentou uma última vez falar com Penélope.
- Pê, estou indo, tá? Me encontra lá no Nove, no mesmo lugar de sempre, em frente à barraca da Renata e do Rubens. O dia está lindo, já é quase uma da tarde e o sol me espera. Mas vê se não demora porque senão você vai acabar não me reconhecendo, de tão estufada que vai estar a minha barriga, por causa das empadinhas da Renata. É bem verdade que o avental dela não deve ser lavado há uns dez anos, mas aquelas empadas são do outro mundo, né? Beijo.
Do outro lado, Penélope chorava. Esvaía-se em lágrimas, os olhos inchados, quase saltando do rosto, parecia um sapo. Enquanto ouvia a amiga, sem a menor coragem de atender à ligação, escutava Vicente, o verdadeiro sapo dessa história, tomando banho.
Ela acordara cedo e foi só abrir os olhos para se sentir a pior das mulheres. Não conseguia acreditar no que havia feito. "Como eu tive coragem de ficar com ele? Como?", perguntava-se.
Ao levantar, foi até a cozinha, bebeu um copo de leite gelado, andou pela casa, pensando, pensando. Não sabia o que queria fazer primeiro: ver-se livre de Vicente (ela acabara de expulsá-lo), ligar para o Emílio, ir correndo para a Urca chorar olhando a Baía de Guanabara, como fazia quando estava magoada, ligar para a mãe, no Recife, nadar 10 horas seguidas, tomar remédio para dormir pelos próximos doze anos. Tudo, menos ir à praia com a Luiza como se nada tivesse acontecido.

"Que amiga sou eu? Espero a pessoa mais bonita e sincera que conheci na vida virar as costas para ficar com seu namorado? Execrável, podre." Esses eram os pensamentos de Penélope quando Vicente saiu do banheiro, enrolado numa toalha. Estava lindo, ela não pôde deixar de notar. E sentiu mais culpa ainda por ignorar uma amizade sólida em prol de um abdômen definido. "Sente o personagem... me beija... Como fui ingênua. Eu tinha que ter reagido, ter sacado desde o começo o que ele queria!"

- Por que não me convida para tomar café, Charmosa?

- Que Charmosa, Vicente? Que Charmosa? Vai se vestir, anda! Já não te mandei ir embora?

- Sem nem um beijinho? - disse ele, aproximando-se dela.

O sangue de Penélope ferveu e ela ficou com um imenso nojo daquele por quem sua amiga descobria, a apenas algumas quadras dali, estar completamente apaixonada.

- Você tem noção do que a gente fez, cara? Você tem noção do quanto eu amo a Luiza, do quanto ela é importante para mim? - Penélope chorava como louca, precisava desabafar. - Aí vem você achando que está tudo normal e...

- Mas está tudo normal, Charmosa! A gente só se deixou envolver pelos personagens calientes...

- Calientes... calientes uma ova! E deixa de ser cafona, Vicente! Calientes é *uó*\ Ainda bem que você é bonito, porque você é péssimo de cantada, péssimo! - estourou, para depois dizer para si mesma: "Meu Deus do céu, como é que eu fui cair nessa?"

- Ontem você gostou. E não estou entendendo o escândalo. Tudo isso só por causa da Luiza? É só a gente não contar, ué!

- Ah, não! Cala a boca, Vicente! Vai embora, por favor, sai da minha casa! Já te pedi! - elevou o tom de voz.

O que Penélope mais queria era ficar calada, sozinha. Estava fraca. De tanto chorar, de tanto se odiar, de tanto recriminar sua atitude.
- Pediu, não, ordenou!
- Ainda bem que você notou.
-Beleza, estou indo. Mas, olha, os ensaios começam na quinta, lá na Casa do Ator, às nove da noite. Estou te esperando, tá?
Longa pausa. A raiva de Penélope subiu à garganta.
-Você é horrível, cara! Horrível! Sai daqui! - gritou, as veias quase saltando do pescoço.
Ele deu de ombros. Botou a calça e saiu sem camisa mesmo. Bateu a porta e foi embora, ainda sem entender direito a razão daquele drama.
Cretino, cínico, sedutor barato eram apenas alguns dos adjetivos que pipocavam pela cabeça de Penélope no momento. Àquela altura do campeonato toda a beleza, a morenice, as covinhas, a fala mansa e o abdômen do diretor de teatro mais cobiçado do Rio tinham ido por água abaixo.
Ela não queria se olhar no espelho (o que era difícil naquela casa). Por vergonha e por não querer encarar de frente um monstro mais medonho ainda do que o homem que, por causa de uma noite, seria o motivo (e bom motivo) para o começo do fim de uma amizade linda.
Penélope sabia que não tinha nada de santa nessa história. Afinal, verdade seja escancarada, deixou-se envolver pelos personagens. Verdade mais escancarada ainda, quis deixar-se ser envolvida pelos personagens.
E foi bom!

Houve uma sintonia interessante entre Vicente e Penélope, os dois tinham a tal da química quando estavam próximos, não conseguiam se desgrudar ou parar de se beijar. E que beijo bom o Vicente tinha! Um beijo lento, firme, carinhoso, quente... Juntos, eles pareciam desafiar a física, já que conseguiam ocupar o mesmo lugar no espaço, sem contar que davam a impressão de que entrariam em ebulição a qualquer minuto.

Mas não podia ter acontecido. Simplesmente não podia. Luiza era como irmã e Penélope, apesar de sensual, não levava o menor jeito de traidora-vaca-vacona-e-insensível.

"Nunca mais bebo vinho na minha vida!", era a frase que se repetia em *looping* no cérebro da atriz novata. Era preciso fazer algo. Pegou o telefone e discou.

-Emílio, vem para cá agora, fiquei com o...

-Ah, desce do palco, Pê! Está achando que é assim, só estalar o dedo? Você está muito mal acostumada, mona! Não saio de casa nem a bico! Já preparei a banheira com meus sais, botei incenso na casa inteira, acendi umas velas...

- E se eu te disser que fiquei com o Vicente?

- Ai, meu Deus! Foi bom para você?

- Emílio! - gritou Penélope.

- Brincadeirinha! Desculpe! Estou indo praí.

-VE UM MATE, moço.

Era o quarto que Luiza tomava. O calor estava insuportável, o sol estava quase derretendo sua pele clarinha. A sorte é que alugara cadeira e barraca com a moça das empadas e encharcara-se de protetor solar com FPS 60. O sol não iria machucá-la tanto.

Para tentar ver Vicente assim que ele pisasse na areia, ficou longe do mar, o que piorava o calor, a ansiedade, a sede e a paciência para ficar sozinha. Já haviam se passado duas horas (o que, sem companhia, na praia, parece uma eternidade) e nada de Vicente.
Sua esperança era encontrá-lo e dizer o discurso que ensaiara no caminho. Uma coisa era certa: começava a ponderar melhor os conselhos de Penélope. Decidira deixar de frescura e não fugir dos seus instintos: "Não sei para que esperar tanto! Eu gosto demais dele. E ele gosta de mim também... eu sei..."
Os olhos inquietos não paravam de procurar por Vicente. Nenhum rosto que chegava carregando um abdômen do tipo tanque de lavar roupa era dele. Nenhum sorriso era o dele. "No mínimo ficou conversando com aqueles idiotas sobre futebol até as seis da manhã", concluiu, para logo depois sentir um ligeiro frio na barriga. Ele anunciava uma ponta de insegurança e trouxe a pergunta: "Será que foi mesmo com eles que o Vicente ficou até tarde?"
Luiza tentava fugir dos pensamentos, que pulavam e se repetiam na sua mente sem parar. Ela não conseguia imaginar

Vicente em casa num sábado de sol sem sequer dar um pulo na praia para uma partida de vôlei ou futebol. Sua vontade era ligar para ele, mas seu celular estava quase sem bateria. Preferiu dar um tempo e tentar de novo falar com Penélope.

EMILIO E PENÉLOPE, definitivamente, não estavam se entendendo.
-Como assim, sumir "por uns tempos"? Ficou maluco?
- Só o bastante para você esquecer o episódio, apagar da memória. Homens fazem isso em dois segundos; vocês precisam de algumas semanas.
- Você está agindo como todos os homens, Emílio! -disse Penélope, absolutamente indignada com o conselho do amigo.
- Não quer concordar, não concorda, mas não precisa xingar também, vai!
- Se eu sumir, ela vai ficar encucada, querendo saber o motivo do sumiço!
- Fala que foi TPM! Vocês não botam sempre a culpa na coitadinha da tensão pré-menstrual? Então? - ironizou Emílio, novamente tentando tirar um sorriso de Penélope.
- Vou fingir que não escutei. Ah, fala sério, cara! Você não pode achar que é a coisa mais normal do mundo sua melhor amiga sumir por uns tempos sem avisar, sem deixar recado...
- Menina, ouve o que eu digo. Se você falar, a amizade de vocês, que é linda, vai para o ralo! Evapora!
-Você acha? - indagou Penélope, com um nó na garganta.
-Acho não. Tenho certeza absoluta. Ela nunca vai te perdoar, Pê!
Penélope desabou em prantos. Era a quinta vez naquela manhã que tinha um acesso de choro. Soluçava. Sabia que era verdade mas não queria escutar.

- Pára! Não agüento ver mulher chorar. Vocês todas ficam horrorosas! - brincou Emílio. - Você, então, incha além da conta!

- Emílio! - resmungou Penélope, sem achar a menor graça no amigo.
- É sério, Pê. Vai tomar banho, lavar esse rosto, passar um batom, um rímel... Essa aí não é minha amiga.
- Eu não tenho condição de fazer isso...
- Claro que tem. Imagino como você deve estar arrasada, mas não me deixa te ver assim. A gente tem todo o tempo do mundo para conversar, vai que eu espero.
Parecia frescura, mas o banho frio foi a melhor coisa que poderia ter feito; deixou-a de cara nova, tirou o restinho de Vicente que ainda estava impregnado em seus poros. Mas, embaixo do chuveiro, pensou novamente na burrada (era incontrolável), lembrou do dia em que conheceu Luiza, a primeira carona, o primeiro segredo, a primeira viagem, a primeira liquidação juntas...
Com cara de banho tomado, de roupão verde-alface e toalha roxa enrolando o cabelo, Penélope voltou à sala.
- Nossa, como está cheirosa! Tem biscoito de chocolate na cozinha?
- Eu não tive culpa, Emílio! Não tive! - disse, para logo depois emendar, chorando: - Mentira! É claro que tive! Eu fiquei com o Vicente! Mesmo sabendo que os olhos da minha melhor amiga brilham quando ele está por perto!
- Ai, minha Santa Teresinha, lá vamos nós mais uma vez! Vem cá, vem, meu ombro é um espetáculo, um cura-tristeza de primeira.
Penélope se encolheu toda e aninhou-se nos braços do amigo.
-Eu não presto, Emílio... Eu não valho nada...
-Já que você tocou no assunto, *de novo*... Conta como é que você foi ficar com esse bofe. Saí do carro crente que o Vicente estava muito enganado de pensar que iria te conquistar. Achei que você jamais cairia na conversa batida dele!

Penélope gelou. Não tinha pensado direito no que a levara a ficar com Vicente.
- Sei que é a pior resposta do mundo, mas o vinho bateu! Eu não sou de beber, você sabe, uma tacinha já me deixa *"zuzo* bem". Fiquei alta, e ainda feliz da vida por causa da peça...
- Ah, você vai me desculpar, mas não engulo essa história de embriaguez, depois a gente conversa sobre isso. Agora quero saber: que peça é essa?
- É um espetáculo profissional que ele vai começar a ensaiar e me chamou para fazer. Com o Bomtempo na direção e a Laura Cardoso no elenco. Que tal?
- Não acredito! Maravilha, Pê! Pelo menos nessa tragédia grega existe um lado bom! Oba, oba, oba! Sua carreira vai deslanchar, você vai...
-Alou! Não vai ter peça nenhuma, ignorei o convite, mandei ele às favas!
- O quê?! Estou chocado! Como assim, doida? Era a sua primeira grande chance! - berrou Emílio, com as duas mãos na cabeça, olhos arregalados, completamente estupefato.
- Pára com isso! Eu sou a vilã dessa história, não entendeu ainda? Você não tem que querer nada de bom para mim!
- Deixa de dizer bobagem! Por que você ignorou o convite? Tudo bem, você errou feio com a Luiza. Mas não é por causa disso que você vai tomar gosto pela coisa e errar de novo! Recusar trabalho, dinheiro, fama, flashes, festas VIP, ilha de *Caras,* faqueiro da *Caras,* castelo de *Caras,* programas de fofoca, *paparazzi* correndo atrás de você... Penélope! Você virou as costas para o paraíso! Só pode ter endoidado! Ou emburrado.
- Eu estou com um problemaço e você prefere brincar, me chamar de burra?
- É! Burra! Eu tenho uma amiga burra! Eu tenho uma amiga burra! - cantarolou Emílio.
-Isso, pisa mais um pouquinho!

-Ok, você pediu. Que historinha para boi dormir é essa de "vinho bateu"? Com vinho ou sem vinho, você sabe fazer jogo duro quando quer, já vi várias vezes.
Penélope não tinha resposta para aquela pergunta. Na verdade, não havia pensado numa resposta. Passara o tempo se martirizando. Resolvera culpar o vinho, simplesmente. Sem contestar ou questionar.
-Foi o que aconteceu. Ele veio para cá, fez o convite, bebemos para comemorar, ficamos conversando e ele...
-Ele o quê?
-Não ri, tá? Foi o vinho, foi por causa do vinho que eu embarquei na conversa dele. Você sabe que eu não sou nenhuma idiota!
-Fala!
- O Vicente veio com um papo de conhecer melhor os personagens. Me chamou para dançar, me pediu um beijo...
- Beijo!? É a história mais absurda que eu já ouvi em toda a minha vida! Nem criança acreditaria numa coisa dessas! "Conhecer melhor os personagens"... tá boa?
- Como assim, Emílio? Deixa de ser radical! É que juntou tudo: minha alegria pelo convite, o vinho e a vontade de conhecer o personagem, que...
-Você quer enganar quem, chuchu? Você? Isso não existe, Pê! Onde já se viu querer entrar em personagem de madrugada, depois de uma festa, com álcool nas idéias? Até parece que você é uma inexperiente! Não acredito que caiu nessa conversinha!
-O que você quer dizer com isso, Emílio? Ele não economizou palavras.
-Essa é a desculpa que você inventou para justificar o que aconteceu, mas, na verdade, está na cara que você sempre teve uma queda pelo Vicente. A única coisa que te impedia de qualquer aproximação maior era a Luiza. Mas, com o vinho, foi como se ela nem existisse.

-Claro que não!
-Claro que sim! O vinho tirou o obstáculo Luiza. Só isso. E te deixou sem culpa para fazer o que queria.
- Eu não queria!
- Claro que queria, Penélope! E você sabe disso.
O clima ficou pesado. Era a mais absoluta verdade. Emílio estava certo e Penélope sabia. Passou, então, a se sentir a pior pessoa do mundo, desandou a chorar.
- Calma, linda. Aconteceu, mas foi só sexo! - Emílio tentou aliviar, em vão.
- Só sexo? Você acha sexo pouca coisa, Emílio? O que é mais do que sexo, então?
- Garanto que se você for passar uns dias na minha casa em Itaipava vai voltar pensando como eu. É que acabou de acontecer, você não consegue pensar em outra coisa!

- Não dá, não dá!
- Eles nem eram namorados, eram?
-Até agora não oficializaram a relação, mas saem direto há mais de cinco meses! Se isso não é namoro, é o quê?
- Amizade colorida! Ai, que coisa mais antiga e cafona eu falei!
- Eu e a Luiza somos grudadas! A gente se fala dez vezes por dia! Além do mais, se eu ficasse longe por três semanas, na volta não ia agir naturalmente.
- Mulheres!
- Se bem que...
Penélope foi interrompida pelo telefone. Atendeu num impulso, não costumava fazer isso, tinha por hábito deixar a secretária ligada para peneirar as ligações e atender só as de seu interesse. Arrependeu-se profundamente. Da praia, apreensiva com o sumiço matinal da amiga, Luiza despejou:

-Até que enfim! Estava preocupada! Por que não me ligou até agora? Já deixei mil recados na secretária, não ouviu? O que aconteceu? Estava dormindo, ainda? A praia está maravilhosa, o mar está cristalino, uma piscina! Só falta você!
Penélope ficou com nojo de si mesma ao ouvir a voz de Luiza. Queria morrer. Quis contar tudo.
- Acordei com uma enxaqueca horrível.
- E por que não retornou minhas ligações?
- Só ouvi agora, acabei de acordar - disse, louca para desligar.
- Como assim? São três da tarde e você acabou de acordar? O final da festa foi bom, hein!?
As coisas iam de mal a pior.
-Luiza, depois a gente se fala. Deixa eu acordar direito. Luiza achou a amiga estranha. Penélope não era daquelas pessoas que acordam de mau humor.
- Está tudo bem?
- Arrã, deixa eu voltar para a cama. Depois a gente se fala.
- Beleza. Te ligo mais tarde, então. Posso só dizer uma coisa?
- Pode.
- Eu te amo. Você sabe que pode contar comigo para o que precisar, né?
Penélope ficou com o coração apertado, do tamanho de uma cabeça de alfinete. Após alguns minutos de um silêncio inevitável (ou as lágrimas jorravam por seu rosto ou ela respondia à amiga, as duas coisas juntas, impossível), a estudante de teatro simplesmente disse, olhando para o chão enquanto socava a parede, sofrendo, com tudo por dentro doendo, mexendo, remexendo:
- Sei. Também te amo, Luiza.
- Posso te falar uma outra coisa?
- Pode - respondeu Penélope quase sem forças.

- O palhaço do Vicente não deu as caras, acredita? Penélope não conseguiu disfarçar o nervosismo.

- Arrã. Depois, Luiza, depois. Agora, tchau.
- Tchau. Beijo.
Naquele instante, Emílio começou a entender o porquê da angústia de Penélope e percebeu o quão importante Luiza era para ela.
-Você viu como é que é? Não liguei hoje e em troca recebo um interrogatório! Já imaginou se eu ficar fora por uns tempos? A Luiza morre de preocupação.
- Não queria estar no seu lugar.
- Agora você entende como eu estou me sentindo?
- Um trapo, amiga. Um trapo velho, usado.
Um minuto de silêncio, os dois entreolharam-se. Emílio decidiu:
- Você tem de contar tudo hoje.
- Hoje? - assustou-se Penélope.
-Hoje. Tem de ligar para ela, chamar para sair e falar tudo. Mas sem entrar muito em detalhes, como vocês, meninas, adoram fazer.
- Hoje? Hoje, Emílio?
- É, mona! Você não estava louca para contar? Assim acaba logo com essa angústia!
Numa rápida fração de segundo, Penélope pensou e repensou o assunto.
- É... você está certo - disse, com firmeza. - Vou marcar com ela na sua casa, então, posso? Aqui, onde tudo aconteceu, eu não conseguiria olhar no olho dela, e na casa dela não dá, a mãe da Luiza me odeia.
- Isso não é assunto para falar dentro de casa, Pê! O melhor é marcar num lugar público, para evitar reações desagradáveis. A Luiza é certinha demais para fazer escândalo na frente dos outros.

Por alguns minutos, Penélope permaneceu estática, olhando para o nada. Um filme estava passando por sua cabeça, era como se um *Melhores momentos* de sua amizade com Luiza estivesse em exibição no cinema dentro de seu cérebro, com cenas que a deixavam com vontade de chorar ainda mais. Tentou pensar se algum dia se sentira tão deprimida.
Não, nunca.
Acabou chegando a uma conclusão.
-Hoje à noite conto tudo. Preciso voltar a gostar de mim, a parar de me achar a figura mais horrível do mundo, quero botar a cabeça no travesseiro e dormir direito, sem culpa. Não quero prolongar esse sofrimento. Vou abrir o jogo com a Luiza, custe o que custar. De hoje não passa.

PENÉLOPE RESOLVEU seguir os conselhos de Emílio. Achou mais conveniente chamar Luiza para um lugar movimentado a fim de evitar escândalo. "A Luiza não é barra-queira, é toda tímida", ele tranqüilizou a amiga, antes que ela saísse para o grande encontro.
As duas combinaram de se ver às nove da noite na movimentada Chaika, uma lanchonete fincada há várias décadas na Visconde de Pirajá, no coração de Ipanema, que costuma ficar cheia de estudantes (é perto de duas universidades, famílias, turistas e ipanemenses loucos por glicose).
Falar novamente com a amiga por telefone fora uma prova de fogo. Nem ela sabia descrever o que sentira. Parecia uma espécie de gastrite em tempo integral. Isso sem mencionar a fraqueza, a vergonha de si mesma.

A toda hora Penélope se massacrava perguntando por que caíra na conversa de Vicente. E a toda hora a sinceridade de Emílio ecoava na sua memória, embora ela tenha tentado ao máximo rejeitar a versão do amigo de que teria uma paixão incubada pelo diretor.

Por outro lado, sabia que não era tão diferente das demais meninas que, se não tinham uma queda, um precipício por Vicente, certamente viriam a ter um dia. O olhar de menino carente, as covinhas (na bochecha e no queixo), o sorriso largo, o jeito de passar a mão no cabelo, a voz rouca, o perfume, o estilo, o maxilar bem definido... Não era nada difícil se interessar por ele.

Chegou à conclusão de que, escondidinha em seu subconsciente, talvez existisse alguma remota atração por Vicente. Não era fácil pensar de forma tão fria, mas ela percebeu que num lugarzinho de seu corpo sempre esteve guardada uma inofensiva vontade de Vicente. Vontade que dá e passa na maioria das meninas que faziam teatro na Casa do Ator. Ela era como as outras: sonhava ficar sozinha à luz de velas com o abdômen mais definido da classe teatral carioca, mas achava que isso jamais aconteceria e não entrava em maiores confabulações.

O xis dessa questão é que Penélope achou que a atração (ou paixonite, ou amor ou paixão incubada) por Vicente tivesse morrido ou, no máximo, estivesse dormindo pesado num canto qualquer do coração, do cérebro ou de algum outro órgão - ela não tinha idéia de onde esse tipo de sentimento se escondia.

Os indícios de que tinha uma queda por Vicente, ela acreditava que mandara embora no dia em que ele e Luiza trocaram os primeiros olhares na Casa do Ator. Apesar daquele engrena-desengrena que acontece com alguns casais em começo de relacionamento, os dois estavam juntos; Vicente e Luiza, sua melhor amiga, formavam um casal. E Penélope achou, sinceramente, que sua queda pelo diretor poderia evaporar do dia para a noite, era só ela querer.

Para Emílio, a paixonite nunca deixara de existir e, ainda por cima, era mal resolvida. "E nada pior do que paixão mal resolvida", ele avisou. Não houve santo que o fizesse mudar de idéia durante as quase quatro horas em que os dois permaneceram juntos. E, por causa de tanta persistência, Penélope acabou dando o braço a torcer: talvez ela sentisse mesmo algo mais por Vicente.

Mas se ela gostava ou não do diretor, se nutria ou não algum sentimento mais forte por ele, isso não estava em questão. Pensaria no assunto num segundo momento. A traição, sim, era a pauta do dia. A traição que acabara de acontecer. Estava logo ali, num passado bem recente, quentinha na sua memória.

Sua única vontade agora era contar para Luiza. Mesmo sabendo que, segundo as previsões do mago Emílio, ela jamais lhe perdoaria.

A lanchonete estava bem cheia. Meninas douradas e lotadas de acessórios dourados refestelavam-se dividindo um milk-shake gigante e reparando na roupa e no cabelo de quem entrava. Sentados mais adiante, um casal de namorados dividia romanticamente uma fatia de torta de chocolate; numa mesa animada, gringos interessantes devoravam uma salada incrementada e uma mesa ocupada por oito animadas e falantes cabecinhas brancas denotava que a peça no teatro ali perto ainda demoraria para começar.

Uma fila do lado de fora se formava quando Penélope chegou. A Chaika estava fervendo, bombando, tinha gente saindo pelo ladrão. Gente comendo em pé, gente em pé sem comer, gente comendo com os olhos, gente experimentando, gente comprando para levar para casa, gente encomendando, gente perguntando se tinha torta light, gente à beça.
Emílio acharia aquele lugar o cenário perfeito. Penélope se constrangeu só de pensar numa possível reação mais acalorada de Luiza. "Não vou contar aqui, mesmo", ela decidiu, assim que pôs os pés na Chaika.
Entrou num pé e saiu noutro da lanchonete. Chegou a pegar seu celular, disposta a inventar uma desculpa para Luiza, mas pensou melhor. "Se eu não contar vai ser covardia. E covardia não combina comigo." Em plena calçada, olhou para um lado, para o outro, e achou melhor entrar novamente e procurar pela amiga. "Não posso desistir assim, facilmente. Se eu não falar hoje vou ter de falar outro dia, e assim vou só adiar o problema." Refletiu mais um pouco e decretou: "Vai ser difícil, mas o melhor a fazer é falar logo." Respirou fundo, enchendo de ar cada espaço entre as vértebras, e pôs-se a procurar a amiga, que já estava esperando, comendo um pedaço de torta de limão, sua preferida.
Penélope avistou-a e engoliu em seco. Luiza estava linda, queimadinha de sol, de vestidinho branco esvoaçante, sandália rasteira, trancinha no cabelo... nem sonhava com o que tinha acontecido.
E com o que estava para acontecer.
Ao ver Penélope, ela abriu seu sorriso mais cândido. Estava realmente feliz em vê-la. Afinal, elas não costumavam ficar sem se encontrar por tantas horas. Seu rosto de menina fez com que Penélope se sentisse ainda pior.
- Preciso conversar com você.
- Nossa, que séria!
- Um suco de tomate, por favor!

-Que é isso? Você odeia tomate, faz queimar seu estômago - disse Luiza.
-Eu sei, não precisa me avisar.
-Aconteceu alguma coisa! Eu sabia, achei sua voz estranha no telefone. Quer se abrir?
-Cala a boca, Luiza!
-Como assim? Não desconta em mim não, Penélope! Eu não tenho nada a ver com isso! Só quero ajudar!
Penélope só conseguia dar patada na amiga, mesmo sem saber o porquê. Era involuntário.
O clima na lanchonete estava agitado, um murmurinho chato e contínuo atordoava a cabeça de Penélope. As duas estavam mudas na mesa esperando o garçom trazer o suco. Procurando o motivo de tanta hostilidade, Luiza tentava em vão olhar nos olhos de Penélope, que olhava para o teto, para os lados, para o relógio, para a mesa. "Que situação horrível, meu Deus, que situação horrível", pensava. Chegou a hesitar sobre contar a verdade. Podia contar meia verdade. "Gosto tanto dela, tanto, tanto..." E antes que o suco chegasse uma pequena voz interior sussurrou no seu ouvido: "Se você não contar, ela nunca vai saber e vocês vão continuar amigas."
-Olha o suco de tomate - disse o garçom, pondo o copo na mesa.
De olhos fechados, segurando o choro, Penélope deu alguns goles grandes na bebida.
-Chega! Ou você conta agora o que aconteceu ou vou embora. Não vou ficar olhando para a sua cara mal-humorada sem saber o motivo. É algum garoto? É a sua faculdade? É grana? Fala, Pê!
Penélope respirou fundo. Olhou fixamente para a amiga pela primeira vez na noite e disse, arrasada:
-É um cara, Luiza.

-Mas quem foi esse que te deixou triste assim? Vou repetir o que você sempre fala: nenhum homem merece as nossas lágrimas. É piegas, mas é verdade - respondeu Luiza rindo. - Conta quem é. Eu conheço?
- Bastante.
- É o Gugs? - indagou, agora curiosa.
- Não, Luiza. É o Vicente.
Penélope disse isso baixinho, para dentro, olhando para o fundo do copo.
- O Vicente? Como? Ele foi grosso com você?
- Não exatamente. Ele foi...
-Ele ficou com alguém na festa? Por isso você está com raiva dele? Fala, Pê, fala! Pode dizer: foi com a Gisela, não foi? Ela estava dando muito mole para ele! Conta! Não! Não quero ouvir!
Penélope escutava absolutamente chocada aquelas frases que saíam a mil por hora da boca de Luiza. Sem perceber, ela estava falando alto, chamando a atenção. "Olha o escândalo que a menina já está fazendo sem saber! Imagina depois que eu contar! Vai tentar me estrangular! Foi a maior roubada marcar com a Luiza aqui. Mato o Emílio!", pensou, arrependida.
- Calma, Luiza, fala baixo! Ele não ficou com a Gisela!
- Aaaaai, que alívio! Nossa, que coisa boa de ouvir!
- Luiza, me deixa fal...
- Eu decidi seguir os seus conselhos, Pê, quero que a nossa noite especial aconteça logo, quero me entregar para ele. Decidi hoje, na praia. Eu quero ele para mim, Penélope! E não precisa ser para sempre. Quero só que seja infinito enquanto dure, como diz aquele soneto do Vinícius - desabafou Luiza, começando a ensaiar uma cara de choro.

O grupo de meninas douradas começava a cochichar e rir e apontar para Luiza e Penélope. Uma família com crianças ao lado não conseguia tirar os olhos das duas, como se quisesse assistir de camarote à conversa.
- Fala baixo, está todo mundo olhando! O Vicente...
- O que aconteceu? Ele ficou bêbado, deu vexame, vomitou? Fala!
- Eu dei vexame.
- O quê? Nunca te vi bêbada! O que você fez de errado? Misturou?
- Posso te pedir uma coisa? Pára de ser boazinha e engraçadinha pelo menos por dois minutos? Por favor! O que eu tenho para te falar é sério demais e você, a partir de agora, precisa ficar com raiva de mim. Raiva, entendeu?
Luiza levou um susto. Começou a sentir no ar que aquela história não acabaria bem.
-O Vicente me deu carona e, no caminho, disse que tinha um convite para me fazer - começou Penélope.
Luiza ouvia atentamente, com uma falsa esperança de que o caso tivesse um final feliz. Penélope fez uma pausa, mais três golões no suco de tomate que escolhera como penitência, e prosseguiu:
-Me chamou para uma peça.
- Que bacana... - Luiza deixou escapar, sem muita animação, nem certeza.
- Pára! - reagiu Penélope, ríspida, seca. - Não é nada bacana. Ele subiu lá em casa e a gente começou a conversar sobre a montagem. Aí ele veio com um papo de conhecer melhor os personagens, bebemos vinho... A gente acabou ficando, Luiza. Pronto, foi isso.
Luiza ficou imóvel. Boquiaberta. Sem ação. Assim como o garçom que se aproximava para perguntar se ela queria mais um pedaço de torta. Ele parou ao lado da mesa e espichou o ouvido.

- Não escutou o que eu disse? Fiquei com o Vic...
- Rolou?
- Rolou o quê?
- Não se faça de idiota, você sabe do que eu estou falando.
-A resposta é sim - disse Penélope, roxa de vergonha. Silêncio sepulcral na mesa da lanchonete. Agora era Luiza
quem não conseguia encarar Penélope de frente. Seu sangue ferveu. Ela parecia procurar palavras para dizer, gestos, olhares. Estava irrequieta, prestes a explodir. Olhava para os lados a todo tempo, mexia no cabelo, as mãos suavam. E as malditas manchas vermelhas começaram a pipocar em seu colo e em seu pescoço.
Sua melhor amiga a traíra. Em cinco meses de relacionamento, ela nunca dormira com Vicente; Penélope, sim, e na primeira chance. Parecia um pesadelo.
-Você tinha mesmo de me chamar aqui para me dar essa notícia? Não podia ser por telefone?
O murmurinho em volta diminuiu, parecia que todos em volta queriam ouvir o que Luiza e Penélope conversavam.
- Não. Sabia que iria te magoar e não queria fazer isso sem olhar no seu olho. Seria muito covarde da minha parte.
- Ah, que lindo, que amiga gente-boa você é! Quis estar frente a frente comigo só para ter o gostinho de dizer: "Olha a otária sofrendo por minha causa, sacaneei bonito!" Para isso você queria estar na minha frente?
-Não é nada disso, eu...
-Nada disso, uma vírgula, sua... prostituta! Cala essa boca imunda! - gritou Luiza, sem conter a raiva. Penélope, mesmo chocada com o insulto da amiga, permaneceu calada, cabisbaixa. - Você acertou, Penélope. Estou com muita raiva de você.
-Com razão - disse Penélope baixinho, costas curvadas.
-E você não vai nem se justificar, né? Tentar explicar por que isso foi acontecer!

A lanchonete inteira, inclusive os outros garçons, passou a observar com um prazer mórbido e uma curiosidade sádica a discussão das duas. Dava até para ver nas fisionomias quem estava do lado de Luiza e quem torcia por Penélope, a minoria.
-Não vou ser idiota e dar as mesmas desculpas que todos os que traem dão. Mesmo porque você não acreditaria. Eu não tenho nada a dizer, absolutamente nada. A não ser pedir desculpas e dizer que sinto muito. De verdade. - Agora era Penélope quem começava a chorar.
-É inacreditável! Há quanto tempo você finge que é minha amiga, hein? Há quanto tempo fica do meu lado só para seduzir o Vicente?
Penélope chorava. Chorava muito. Cada palavra da amiga a feria como uma punhalada. Naquele momento desejou tudo de pior para Vicente, o verdadeiro culpado pelo inevitável fim de uma grande amizade. Odiou-o como nunca odiara ninguém.
-Eu nunca seduzi o Vicente, você sabe disso!
-Não seduziu não, só arrastou o cara para o seu apartamento.
-Você nunca vai me perdoar, né, Luiza?
- Perdoar? Taí uma piada boa! Diz para mim, que reação você achou que eu teria? Deve ter pensado que a boazinha e engraçadinha, a pastel que por tanto tempo acreditou que tinha uma amiga sincera, iria te dar um beijo na testa e falar "está tudo bem, vamos esquecer isso"! Não sou a otária que você pensa que eu sou não, tá, falsa?
- Falsa? Se eu fosse falsa eu não viria aqui te contar isso tudo... - disse Penélope, surpreendendo-se com o palavreado da amiga, que parecia querer magoá-la a todo custo.
-Falsa, mentirosa, vulgar. E fácil, muito fácil! Penélope ouvia tudo. Para ela, a reação de Luiza e aquele
duelo verbal eram seus piores e merecidos castigos.

-Bem que minha mãe sempre disse que você era do tipo que gosta de seduzir só por diversão! Estava certa, porque você não respeitou nem o meu namorado! Ficou com ele sem nenhum peso na consciência!

- Não é verdade! A minha consciência está me matando, Luiza! - exasperou-se Penélope, os olhos vermelhos de choro e desespero.

- Se é verdade ou não eu nunca vou saber, mas o meu sexto sentido só me leva a achar que você queria me ver mal. E sabe por quê? Porque você tem inveja de mim! Sempre teve! Do meu dinheiro, do meu carro, do meu apartamento de frente para a praia de Ipanema, da minha vida boa, da minha felicidade com o Vicente!

- Que é isso, Luiza? Eu nunca tive inveja de você! Assim você está me magoando - disse Penélope.

- Ai, que pena! Estou magoando a traidorazinha? Quer saber? Eu tenho pena de você.

- Pena? - perguntou Penélope, indignada.

- É. Pena. Olha para você, uma pobre coitada, cheia de problemas, mora num cubículo que parece um chiqueiro, tem pais separados...

- Os meus pais não têm nada a ver com essa história! Deixa eles fora disso!

- Como, se são eles os culpados por você ser assim? Esse monstro disfarçado de amiga íntima! Essa pessoa baixa, que usa uma máscara de garotinha simpática e sorridente.

- Pára de falar assim... - irritou-se Penélope sinceramente.

- Não consigo. Pensa comigo: seus pais não te vêem nunca, como é que iam te educar direito? Deu nisso: você cresceu acreditando que traição era uma coisa normal! Sua mãe deve, até mesmo, ter te ensinado a trair amigas, a ser uma aprendiz de prostituta.

- Chega, Luiza! Que agressividade é essa? Eu acho traição um negócio muito caído, deprimente! E me acho tudo isso que você está falando e muito mais, mas não leva a conversa para um rumo que não tem nada a ver!

- Ué, não é você que sempre diz que desabafar é a melhor coisa do mundo? Que eu preciso me soltar? Então, estou seguindo seu conselho... amiguinha! - rebateu Luiza, sarcástica.

- Desabafa, mas não precisa humilhar nem passar do limite!

- Passar do limite? Olha quem fala! Logo você, que passou de todos os limites ficando com o cara que eu amo, meu namorado! Tenho certeza de que você se ofereceu, deve ter dado um mole descarado para ele, como faz com todo mundo!

- Caramba, Luiza! Você sabe que está sendo injusta!

- Injusta, eu? Justo é ficar com o namorado da melhor amiga, não é?

- Pára de discutir como criança! Você sabe que eu não sou desse jeito! Aconteceu, eu errei. As pessoas erram, sabia? Eu errei, assumo, e estou muito arrependida.

- Com amiga a gente não erra. Para não precisar se arrepender depois.

- Olha, Luiza, sinceramente, você está fazendo uma tempestade num copo d'água. Na boa!, ele nem era teu namorado!

Ao lado, um grupo de garotos engravatados ria alto, batia palmas e incentivava a discussão aos gritos de "Porrada! Porrada!".

Penélope ficou roxa. Não de vergonha, mas de raiva. De Emílio. Desejou com todas as forças arrancar cada pêlo do corpo do amigo, um a um, com pinça.

- O quê? Não era você que sempre me falava que eu estava namorando? Agora, porque ficou com o cara, vem dizer que ele era solteiro, que estava disponível?

- Não é isso... É que você está falando de uma maneira!
- Como é que você quer que eu fale com a filha de uma vendedorazinha de Recife que nem sequer terminou o segundo grau e nem sabe falar direito? Diz "asterístico" em vez de asterisco, "pudica" em vez de pudica... Como é que virou dona de loja tão rápido? Dona de loja, não, desculpe, "empresária de moda".
-Como é que é? - disse Penélope, que teve de se segurar para não voar em cima de Luiza. Sua mãe era amiga, maior incentivadora, maior companheira...
Luiza continuou, ignorando Penélope e aumentando ainda mais o tom de voz:
-Imagino até os conselhos dela: "Para ser atriz, minha *fia*, é só saber seduzir a pessoa certa. Aprenda com a mamãe!"
-Eu vou embora! Você passou dos limites!
-O que eu posso fazer? É a realidade; filha de mulher sem caráter, sem caráter é! Ou você acha que eu acredito nessa história de que a loja foi comprada com o dinheiro da poupança? Sua mãe é alpinista social, Penélope! Não conseguiu nada por aqui e se mandou para o Nordeste para caçar o primeiro fazendeiro gagá, milionário e apaixonado que topasse pagar suas contas e montar a loja para ela!
Penélope começou a se levantar, com uma vontade imensa de meter a mão na cara de Luiza. "O que essa guria histérica está falando? Quem é ela para falar da minha mãe?"
-Que é isso? Quer ir embora e deixar a amiga bobinha pagar a conta? Não mesmo! Quem vai embora sou eu!
Luiza se levantou e sumiu rapidamente por entre as mesas. Penélope ficou em pé, de frente para a pequena multidão que não tirava os olhos dela. Até quem estava do lado de fora da lanchonete parou para ver a discussão. Uns, com pena, outros, com olhares condenatórios.
O que fazer num momento desses? Só havia uma opção.
-A conta, por favor!

APESAR DO SOL FORTE, a água estava absolutamente gelada. O máximo que Penélope conseguia era molhar as mãos e o rosto de vez em quando. O céu azul e a voz de Grace Jones cantando La *Vie en Rose* compunham o resto do cenário que ela escolhera para relaxar, descansar, refletir, chorar e, quem sabe, esquecer: a casa de Emílio, em Itaipava. Aproveitou que as férias estavam chegando, matou uma semana de aula e subiu a serra. Depois da discussão na lanchonete, tudo o que quis foi se isolar e pensar nas barbaridades que Luiza havia dito.

"Tudo bem, errei feio, eu sei. Mas xingar a minha mãe? Pôr em dúvida seu caráter? Quem ela pensa que é para criticar minha família, minha educação? Falar mal da minha mãe, que a recebeu como princesa nas últimas férias! Que a hospedou, deu comida e ainda a levou para conhecer os lugares mais legais de Recife!" Penélope não conseguia parar de pensar no episódio.

Se Luiza estava decepcionada, a recíproca era verdadeira. A discussão a fizera parar para questionar a amizade que tanto prezava. Começava a achar que Luiza de santa não tinha nada.

- Você já reparou que barriga de refrigerante é diferente de barriga de suco? Se eu tiver que ter barriga um dia, oh, meu Deus, que seja de suco, que além de mais chique é mais dura!

Só mesmo Emílio para discorrer sobre tipos de barriga! E naquela hora, em que o pensamento de Penélope estava povoado pelo eco das palavras duras de Luiza. Só mesmo ele para tirar por alguns instantes aquele ar pesado que se acomodara perto da amiga.

- Não sabia que tinha diferença. Aliás, seu maluco, nunca parei para pensar no assunto.
- Como não? São completamente diferentes! Barriga de refrigerante é que nem barriga de chope, flácida e redonda; a de suco é pontuda e dura que nem pedra.
Penélope caiu na gargalhada. Riu com vontade pela primeira vez em cinco dias enquanto pegava o copo de suco de caju que o amigo lhe trouxe numa bandeja roxa e amarela.
- Como você classificaria a do seu gentil caseiro? - entrou no clima.
- É uma barriga difícil de ser analisada, sabe, Penélope? Ela foi elaborada ao longo de muitos anos. É feita de pinga da pior qualidade misturada com cerveja e uísque paraguaio. Taí. É um caso a ser examinado a barriga pavorosa do Brino, Setembrino.
- Eu não entendo. Não consigo imaginar uma mãe levando um bebê inocente para registrar e dizer para o escrevente que o nome dele é Setembrino. Ela batizou o filho com esse nome! Por livre e espontânea vontade! Ele nasceu em setembro, né? E a única explicação!
- Menina, também achava que era isso, mas ele é de novembro!
- Então devia se chamar Novembrino - descontraiu-se Penélope mais ainda.

- Claro! Mas logo que ele chegou aqui eu tratei de rebatizá-lo. Seu nome, para mim, é Adamastor.
- O que tem a ver Adamastor com Setembrino, que até agora não entendi?
- Nada. É que achei legal ter um caseiro chamado Adamastor. Passa fidelidade, lealdade, gosto pela labuta e apego aos patrões. É nome de gente esforçada, que já trabalhou em grandes fazendas e sabe fazer um café sensacional. Ele bem que gostou.
-Adamastor quer dizer tudo isso? Tô boba!

-Claro que quer! Olha só: "Adamastor, vai passar um café", "Adamastor, faça meu jantar", "Adamastor, acabe de arrumar", "Adamastor, pague minhas contas", "Adamastor, tenho de ir para a Europa amanhã ver o pôr-do-sol em Paris! Faça minha mala de inverno", "Anda, Adamastor. Faz, Adamastor. Venha, Adamastor. Desce do palco, Tôr."
-Tôr?
-E o apelido que inventei para quando eu estiver com preguiça de dizer o nome inteiro. Esse nome cansa, tá pensando o quê?
-Só você para me fazer rir, Emílio!
-E só você para me fazer vir para Itaipava e deixar tudo de lado no Rio.
-E porque você me ama!
Era verdade, Emílio amava Penélope. E amava a casa de Itaipava, onde passara boa parte de sua infância subindo em goiabeiras, escorregando em tobogãs naturais, enfrentando o frio da água de nascentes e da piscina. Seus pais estavam viajando, a casa naquele momento era só deles dois, amigos daquele tipo que se falam com os olhos.
- Sua sorte é que meus clientes de shiatsu são gracinhas, entenderam quando eu disse que tinha de me ausentar para resolver um problema.
- Eu nunca vou esquecer isso que você está fazendo por mim, viu? Você é o irmão que eu não tive, adoro você - disse, puxando o amigo para lhe dar uma bitoca estalada na bochecha.
Os dois permaneceram abraçados um tempo, Emílio fazendo em Penélope um cafuné que só ele sabia fazer.
- Posso repetir *La Vie en Rose?* É a música da minha vida! Sem contar que eu i-do-la-tro Grace Jones. Aquele espetáculo em forma de gente.
- A casa é sua, o disco é seu e o som também! Bota a música quantas vezes você quiser.

Emílio puxou a amiga para dançar. Rodopiaram em volta da piscina com o som altíssimo, os cachorros da vizinhança latindo e Setembrino/Adamastor de longe olhando a cena meio desconfiado. O céu lindo e Grace Jones numa de suas inesquecíveis performances acabaram por transformar aquela tarde num momento feliz.
Era a primeira vez que Penélope, desde que chegara a Itaipava, se permitia dançar, brincar, gargalhar. E parar de pensar em Luiza, uma amiga - ela chegara à conclusão - não tão amiga assim. Não tão sincera, não tão ingênua, não tão sem maldade como sempre imaginara.
No dia seguinte, o mesmo calor, o mesmo céu. Desde cedo Penélope estava estirada sob o sol, lendo os jornais e se entupindo de suco de maracujá com muito gelo.
-Desse jeito você vai ficar preta, mulher! Não vão nem te reconhecer na rua!
- Seria ótimo se isso acontecesse. Lá estava ela triste novamente.
- Ai, caramba! Já está pensando besteira de novo?
-Não. É que fiquei pensando no que o Péricles te disse ontem à noite!
-Ai, já estou arrependido de ter contado!
- Poxa, que baixaria a Luiza espalhar para todo mundo o que aconteceu! O que ela ganha me difamando?
- Foi a maneira que ela arrumou de se vingar, Pê! Não enxerga?
- Nunca mais piso na Casa do Ator! Nunca mais!
- Olha a besteira! Olha a bobagem!
- Devem estar todos me odiando!
- Claro que não, cada um deve ter tirado uma conclusão.
- Duvido! Ela deve ter falado cobras e lagartos sobre mim. Tudo aquilo que me disse na Chaika!

A lembrança foi dolorosa e Penélope começou a chorar. Chorar alto, que nem criança fazendo manha. Com a voz embargada e entre soluços, ela continuou a dividir sua dor com o amigo:
- Ainda inventou que o convite para a peça com o Vicente era mentira! E todo mundo deve ter acreditado, porque já tem uma atriz ensaiando o papel lá na Casa! Eu estou ferrada, Emílio! Não sei se eu merecia esse castigo todo!
- Não viaja, Pê! Que castigo? Que exagero! Vou proibir o Péricles de ligar para cá! Onde já se viu? Ligar para fazer fofoca!
-Ainda bem que ele ligou! Assim eu fico sabendo das coisas e não sofro ainda mais quando voltar para o Rio!
- *Stop, please!* Se você está sofrendo, ela também está! Se você saiu mal dessa história, ela também saiu!
- Como, se ela contou a versão dela dos fatos?
- A Luiza saiu como traída, Penélope! Quer coisa pior do que além de ser traída ser mundialmente conhecida como traída? Tanto ela está se sentindo mal que trancou matrícula na Casa! Foi até lá só para fazer intriga!
-As coisas não são tão simples assim, Emílio... Você sabe que todos devem estar me achando uma bruxa.
-Quem te conhece bem sabe o que você está sentindo e não vai deixar de gostar de você. E quem não te conhece, sinceramente, deve estar morrendo de inveja de você, que ficou com o diretor mais *fofucho* daquela escola de teatro! Além do mais, tem um bando de gente sentindo a sua falta, perguntando por você, o Péricles não falou? Isso você ignora, né?
- Falou, mas aposto que é gente querendo matar a curiosidade, querendo me perguntar detalhes, ou gente pronta para me trucidar, me chamar de traidora, sem caráter... ou prostituta... como a Luiza prefere... - disse, os olhos lotados d'água.

- Que é isso, chu! Você é toda *muderna,* descolada, independente, segura, multifacetada, botafoguense! Não pode sofrer por antecipação por causa disso!
Penélope até sorriu, mas seu olhar desceu e se fixou no tapete. Voou para longe dali. Emílio a trouxe de volta.
- Eu não posso acreditar que você, você!, vai ligar para a opinião das pessoas! Nós não ligamos para o que as pessoas pensam ou deixam de pensar! *Alou!* As pessoas não pagam as nossas contas!
- Eu sei! Eu sei!
- Não estou entendendo a sua reação! Parece uma mulher dos anos 50, preocupada com o julgamento da sociedade. Caguei para a sociedade!
Penélope ouvia atentamente o amigo, que a bofeteava com palavras certeiras. Emílio estava cheio de razão, aquela não era ela.
- Você acha que eu estou superdimensionando o problema, não é?
- Acho. Está fazendo um dramalhão. O tempo apaga tudo, Pê. As piores dores, os piores amores...
- Eu sei. E concordo! Mas o meu medo não é só que a minha reputação fique na lama, sabe? Meu medo é perder meus amigos, é ver pessoas que eu amo perderem a confiança em mim, pararem de me ligar, de me procurar, de me querer bem...
-Imagina! Ninguém vai fazer isso! Nunca! Só quem for idiota e não merecer sua amizade.
Penélope pegou a mão do amigo, apoiou seu rosto sobre ela e fechou os olhos, sorrindo.
-Obrigada, Emílio. Por tudo.
Se não fosse ele, Penélope talvez deixasse a angústia transbordar de uma maneira esquisita, torta. Com o amigo, tinha chance de contar mil vezes a mesma história, ouvir-se recontando pela milésima vez a mesma história e, dessa forma, ajustar os fatos na cabeça, botar os pingos nos is.

Emílio era seu porto seguro. E ele gostava disso. Gostava de dar conselhos para Penélope. Ela não era do tipo que pede conselho e faz o contrário do que você fala. Faz exatamente o que você fala. E como Emílio se achava o dono da verdade (e a-do-ra-va meter o bedelho na vida dos outros), sentia-se con-fortabilíssimo na função de conselheiro oficial da amiga.
- E o Vicente? O Péricles disse se ele comentou alguma coisa?
- Ah, provavelmente falou aquilo que eu te disse, que te seduziu com a maior facilidade! Mas o Péricles também não é nenhuma Mata Hari! Homens só contam essas coisas para os amigos, como é que ele vai descobrir?
- Tomando banho no vestiário no mesmo horário dele, ué.
- Não estou entendendo... Que interesse todo é esse sobre o que o Vicente comenta ou deixa de comentar? Não seria uma curiosidade feminina? Não será que, na verdade, você está louca para saber se ele gostou ou não da noite fatídica?
- Tá, tá. Vamos parar de falar nisso, então! Chega!
- Aleluia! Vamos falar sobre o quê, então? Brad Pitt, Leo DiCaprio, Ru Paul ou sobre as roupas e as idades dos famosos na *Caras?* A última opção, por favor! A última opção!

Os dois acabaram rindo de novo. Emílio tinha o dom de deixar Penélope alegre.
À tarde ela se enfurnou no quarto para fazer bijuterias. Penélope tinha decidido vendê-las por lá mesmo, nos colé-gios, na igreja, nos bares, no clube... E pensava na idéia de passar mais tempo do que o previsto em Itaipava. Até que, de repente, saiu do quarto esfuziante, desceu as escadas correndo e se jogou no colo do amigo, que assistia pela enésima vez a *Uma linda mulher.*
-Vou para Nova York, Emílio!
- O quê? Ficou maluca? Duas horas atrás você estava certa de que seria a garota-bijoux da região serrana! Que foi que aconteceu? Agora quer ser *Manhattan 's star?*

- Isso! Todo mundo se dá bem lá! Acabei de ler nessa revista uma reportagem com gente que foi para a Big Apple e arrebentou!
- Arrã... só um toque, amadésima: você sabe que existem milhares de pessoas que se dão mal em Nova York e não aparecem nas revistas, né?
- Dâ-â! Claro que sei, faço faculdade de jornalismo, esqueceu? Mas não adianta, botei na cabeça que tenho de ir! Meu sexto sentido diz que vai dar tudo certo!
- E a grana?
-Os meus pais pagam.
- Como é que você tem tanta certeza disso? A coisa está preta, está todo mundo sem dinheiro!
- Meu pai, não; está bem de vida, até barco tem agora. E ele sempre quis que eu fosse estudar fora! Tenho certeza de que ele vai me apoiar.
-Que vida boa, hein? E só ligar que papai ajuda?
-Se eu pedir uma coisa fútil e desnecessária, não! Mas pedir para estudar para ser alguém na vida? Tenho certeza absoluta de que ele libera a grana na hora! A mamãe também vai querer ajudar, aposto!
- Mas por que essa decisão tão radical?
- Meu coração está pedindo - respondeu, segura.
-Penélope, você está pensando em mudar de país por causa desse lance todo com o Vicente e a Luiza?
Penélope quedou-se pensativa. Baixou os olhos, depois a cabeça. E admitiu:
-Talvez.
- Criatura, pela milionésima vez: daqui a pouco o *mundo* esquece!
- Eu também quero esquecer! Mas em Nova York eu vou ter coisas novas acontecendo em volta, minha vida vai andar noutro ritmo, eu terei novas metas, novos interesses. Assim eu não vou ficar pensando nessa traição horrorosa 24 horas.
- Isso para mim é fuga. Você está fugindo da Luiza.

- Não é isso! Está bem, tem um pouco a ver com isso, sim.
- Claro que é isso, mona, que outro motivo te levaria a voar para fora do Brasil?
- Ah, Emílio, eu não quero vender bijuteria a vida toda, né? Quero estudar para ser uma atriz de verdade! E acho que um futuro bem bacana pode estar esperando por mim em Nova York.
- Não é melhor pensar mais um pouco?
- Não. Está decidido! Vou ligar agora para o meu pai.

A INTERNET PASSOU A SER o principal entretenimento de Luiza. Depois de espalhar sua versão do episódio traição para todos da Casa do Ator, enfurnou-se dentro de casa; não saía do quarto nem para comer. Descobriu as maravilhas do mundo moderno em seu computador. Ficava horas intermináveis navegando pela web, coisa com a qual nunca sonhara. Sempre achara monótono e sem graça. Mas gostou tanto que acabou fazendo até curso on-line de espanhol - e também de grego, mas parou no meio. Luiza adorava estudar, aprender, mesmo nas horas vagas.
Divertia-se também nas salas de bate-papo com um bando de gente que só "conhecia" pelos apelidos. Nick, Loura21, _discsouza, Feijãol309, Portuga, Ruivinha, Cabelo, e por aí vai. Ela gostava daquela distância. Nenhum rosto, nenhum nome, nenhuma intimidade. Só muita conversa jogada fora. Pessoas que eram apenas letras, não tinham forma, cor, fisionomia, pessoas que ela nunca viria a conhecer.

Para Luiza, a Internet era o único meio de ficar fora da mira de "falsos amigos". Ainda estava magoada com o que acontecera. Além de tudo, Vicente foi um completo idiota, fugiu dela como o diabo da cruz. Não atendia a telefonemas, não respondia a recados, não retornava as ligações, ignorava sua existência. Simplesmente sumiu, o que muitos meninos (de qualquer idade, raça, credo, time) adoram fazer quando não querem mais nada com a garota ou quando acham que não têm nada a dizer. Pensam mais ou menos assim: "Se a relação está acabada, por que cargas-d'água tenho que discuti-la? Discutir o quê?"

O fato é que Luiza, antes uma semi-analfabeta em matéria de computador, estava se tornando uma *micreira* inveterada. Voltava correndo da faculdade só para checar sua caixa postal e atualizar seu blog, que mantinha sob o nada modesto pseudônimo de *Beautiful Lady,* seguido da frase "o blog da menina que é muito mais que um rostinho bonito".

Com os novos amigos que fez na rede, que podiam ser neozelandeses, portugueses ou capixabas, ela jogava gamão, trocava e-mails com cartões animados, flores e, claro, aquelas piadinhas insuportáveis que muita gente, mesmo sem achar graça, passa adiante.

Ficou tão viciada em navegar que preocupou os pais. Mas nada que a fizesse abandonar o mundo virtual. Convenceu-os de que estava bem mais culta desde que começara a se interessar por Internet, já que passava o dia a ler e a escrever - e Luiza não era do tipo que trocava "beijo" por "bj", muito menos "você" por "vc". E "não" era "não", não "naum". Recusava-se a entrar nesse dialeto virtual em que o português que ela tanto prezava virara uma miscelânea de códigos esquisitos.

Amigos e dialetos virtuais à parte, no fundo ela estava triste de dar dó. Depois de umas semanas da discussão na lanchonete, começou a considerar a hipótese de ter exagerado com Penélope. Não que estivesse arrependida. Para ela, o episódio fora um mal necessário. Ela precisava dizer tudo que lhe vinha à mente. Queria magoá-la 10 vezes mais do que havia sido magoada. E, apesar da montanha-russa de emoções que corria pelo seu peito na hora, ficou genuinamente feliz por ter conseguido.

Trancada no quarto, alguns dias se passaram (devagar, mas passaram) e o santo tempo fez a ficha enfim cair. Não demorou para que Luiza se pegasse perguntando "Para quê? Para que toda aquela cena?". Concluiu que Vicente era como 99% dos caras que conhecia: bobo, covarde, com medo de compromisso, fraco, volúvel, insensível, mulherengo. Em bom português, não, ele não merecia que duas amigas brigassem por sua causa.

Mas foi o que aconteceu. E por mais sozinha (e solitária) que estivesse, não aceitava a idéia de procurar Penélope para pedir desculpas, para conversar, para discutir mais e mais alto, para qualquer coisa. Não queria vê-la na frente por um bom tempo. "Ela que tem de me implorar perdão. Ela que me traiu", pensava.

E traição, para Luiza, era um assunto que não tinha segunda chance, não tinha conversa. Era sujo. Era pequeno, vil. Incompreensível. Imperdoável e ponto.

Estava amargurada. Fugia da solidão no quarto embrenhando-se na impessoalidade do mundo virtual para esquecer que no real não tinha mais ninguém para discutir, vibrar, dividir, conversar, trocar, cobrar.

Não ia a nenhum encontro que o povo da Internet marcava. Apenas via os "amigos" combinando de se conhecer ao vivo, mas não tinha coragem (nem vontade) de sair para encontrar um estranho que, por mais simpático que parecesse no Orkut, num chat, no MSN, num comentário do blog ou num e-mail, podia ser um tarado, uma mala ou um nerd. Não queria contatos físicos. Era isso.
Um dia, esse quadro mudou.
Luiza passou a se corresponder cada vez com mais freqüência com um tal de Gabriel, médico de Volta Redonda, cidade que fica a cinco horas do Rio. Certa vez, numa sala de bate-papo, ele a chamou em particular e escreveu: "Você não acha que está perdendo tempo neste lugar cheio de idiotas? “Você é tão inteligente...”
Pronto. Ela a-do-rou! Largou o bate-papo comunitário e ficou conversando só com ele. Pode parecer estranho, mas houve uma empatia virtual. À primeira vista, quer dizer, ao primeiro chat.
Nas conversas que se seguiram, Gabriel expressava-se sempre com opiniões sensatas e coerentes. Era bem-humorado e parecia inteligente e competente. Com apenas 29 anos, tinha um currículo razoável. Quando ele e Luiza se conheceram na Internet, havia cinco meses que tinha sido convidado para trabalhar numa das clínicas mais badaladas da Zona Sul. Além de fazer parte da equipe do cirurgião-chefe, dava consulta dois dias por semana.
A profissão o tirara de sua cidade natal. Mesmo assim, ele ainda passava boa parte do tempo por lá de sexta a domingo, ajudando o pai, um conhecido médico de Volta Redonda, a construir e equipar sua clínica - um sonho antigo que agora se tornava realidade. Luiza babava. Pensava: "Além de tudo é bom filho!"

Uma relação que se baseia na escrita tem lá suas peculiaridades. Por exemplo, como perguntar se uma pessoa de seu interesse é casada ou solteira? A tática de Luiza foi relatar com detalhes o escândalo da lanchonete. Assim, saberia a posição do médico sobre fidelidade e aproveitaria para fazer aquelas questões básicas que toda menina gosta de saber. "O que acha disso tudo? É casado? Já foi? Pretende ser? Tem filhos? Quer ter? Quantos? O que é a mulher ideal para você? Fidelidade é: ..."

Do outro lado, um Gabriel perfeito, que nunca se cansou de dar razão a tudo que Luiza tinha feito, que levantava a bandeira da fidelidade com vontade. Em suma, dizia - ou melhor, escrevia, ou melhor, digitava - tudo o que ela queria ouvir.

A segunda bateria de perguntas de Luiza não tardou a vir. "Gosta de viajar? Fala outros idiomas? Pode me mandar uma foto? Verdadeira, hein? Gosta de gatos? E de cachorro? Fuma? Bebe? Usa ou já usou algum tipo de droga? Pratica esportes? É ciumento? Passa a tarde de domingo vendo futebol pela tevê? Para onde a nossa relação está indo?" (Essa última, clássica das clássicas, ela desistiu de mandar no último segundo. Achou que ainda estava muito cedo.)

Não, Gabriel não era casado, mas pretendia casar-se um dia quando encontrasse sua metade. Não tinha filhos, mas sonhava em ter dois, um casal. Não fumava, não bebia (só um vinho de vez em quando), não usava drogas (ao que Luiza reagiu com uma seqüência de "oooobas" empolgados) e odiava esportes com bola. Gostava mesmo era de correr na praia depois de dar umas braçadas no mar.

Ah!, sim! Sabia bordar (o que deixou Luiza atordoadamente feliz. "Que coisa bacana um cara admitir, e orgulhar-se!, de saber bordar! Ele é perfeito!"), aprendera com a avó. Tricotar também, mas era melhor bordando. Cozinhava nas horas vagas (era craque em massas) e curtia Hitchcock, Fellini e Woody Allen.

E ouvia Chico, Gil, Cazuza, Beatles, Bob Marley, Jack Johnson, Clara Nunes, Marisa Monte... era movido a música. E quase não via tevê, preferia um bom livro. Lia Drummond, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, Lygia Fagundes Telles... E tocava violão. Gostava de tocar bossa-nova e os primeiros sambinhas do Chico - *A Rita era* seu preferido.
Luiza aproveitou a deixa para dar o que apelidara de "mentidinha virtual". Contou que era uma sambista de primeiríssima qualidade, que quando sambava todo mundo parava para olhar, que seus quadris eram praticamente uma gelatina. Logo ela, que ruborizava só com a idéia de sambar em público. Mesmo porque parecia uma extraterrestre sambando. Zero ginga, zero molejo, zero graça, a pior passista de todos os tempos.
Os dias se seguiam e, aos poucos, cada um deles se abria mais com o outro. Gabriel contou que gostava de viajar, de fotografar, de sair, de beijar, de conhecer gente, de trocar, de trabalhar, de sonhar, de realizar, de dividir. A medicina o deixava cansado, exigia-lhe muito física e mentalmente, ele escrevia, mas era a realização de um sonho.

Ela dizia ser de Peixes com ascendente em Escorpião e lua em Sagitário e escrevia que gostava de festa, doces, praia, sol, vento no rosto, cheiro de mato molhado, mergulho no mar perto da hora de o sol se pôr, museus, MTV, Legião Urbana, Nando Reis, Rolling Stones, Paralamas, Titãs, Ben Harper, dub, drum'n'bass, livros (Luiza gostava de ler, devorava vários títulos por mês, mas adorava histórias do tipo mulherzinha, com final feliz, bem água-com-açúcar. Aqueles livros repletos de corações partidos, encontros e desencontros, idas e vindas e baldes de lágrimas derramadas. Ficou com vergonha. E inventou)... Contou que lia Charles Dickens, Kafka, Heming-way, um Graciliano aqui, um Haroldo de Campos ali. "E Clarice, claro, como pude me esquecer de Clarice?", ela se divertia na frente da tela.

Isso é que é mentir com categoria, né não?

Luiza aproveitava o contato virtual para uma vez ou outra relembrar que não perdoava traição, que odiava falar (e gente que fala) com voz de neném, que tinha medo de escuro e que era do tipo que puxava briga com quem joga lixo fora do lixo.

"Isso é um lixo", ela complementava. É, ela tentava ser... hum... "engraçadinha" na Internet.

Gabriel dizia ser básico. Adepto do jeans com camiseta, tinha um sem-número de calças e camisetas brancas por conta da profissão e, por isso, nunca usava branco fora do expediente. Não gostava de perfume, não era consumista e não entendia como uma mulher pode gastar quatro mil reais com uma bolsa de marca, "ou seja, pagar para fazer propaganda para a grife", ele indignava-se. E gostava de banana amassada com chocolate em pó, e de tomar café com leite gelado. O que mais?... Sonhava dirigir um documentário sobre a emergência de um hospital e gostava de sandálias.

Ponto para ele!

Luiza amaaaava pés masculinos à mostra!

Mas sabe o que mais fascinava a futura psicóloga?

O seu amigo médico escrevia lindamente, perfeitamente. Sua escrita tinha charme, personalidade, maturidade. E, pode-se dizer que Gabriel era um cara maduro. Engraçado sem ser bobo, elegante sem ser esnobe, doce sem ser piegas.

Por causa dele, Luiza passou a perder o medo de se relacionar novamente. Foram vários e-mails e conversas até tarde da madrugada contando histórias (umas verdadeiras, outras nem tanto) para Gabriel, que começava a arrancar dela toda a tristeza e a mágoa que estavam ressequidas nas grutas mais escondidas de sua alma.

Até Gabriel aparecer, ela não se aprofundara em papos na web. Mas as conversas com ele fluíam tão leves e eram tão boas, eles pareciam conhecidos de longa data. Ela sentia-se à vontade teclando com ele. Ele pedia sugestões, dava conselhos, era atencioso e espirituoso, fazia Luiza rir. E ainda a bajulava com palavras lindas.

Ela fingia que acreditava. Sentia-se infinitamente melhor com aquele novo amigo, se é que podia chamá-lo assim.

A rotina virtual seguiu tranqüila até que um dia pipocou uma mensagem em sua tela.

Esse tempo chuvoso é muito chato, né? Pior ainda para quem, como eu, está sozinho. Não tenho ninguém para me esquentar no frio, nenhum cobertor de orelha... : o (

Você conhece algo melhor do que uma namorada para a gente grudar nos dias frios?

Era a primeira vez que Gabriel tocava nesse assunto. Até então tinham falado sobre futebol, Internet, música, cinema, amizade... Tudo bem... teve um mole aqui, um elogio mais apimentado ali, ah!, essas coisas. Mas Luiza ficou sem ação no primeiro momento, nunca havia sido paquerada on-line, dessa maneira descaradamente explícita, ainda mais por um médico, e de 29 anos. O cara mais velho com que se envolvera até então era Vicente, que tinha 24.

Em vez de ficar quietinha, como a antiga Luiza faria, preferiu ousar: *Namorar é bom, né? Beijar é bom demais! Posso passar horas beijando. Beijo, quando encaixa, é uma delícia. :o)*
Pensa que ela parou por aí?:
Que vontade de beijar. Que vontade de sentir a sua boca na minha.
"Ai, meu Deus! Será que peguei pesado? Mando ou não mando?"
Aquilo estava muito depravado para uma menina toda certinha, que só ficava com um menino se tivesse possibilidade de amor e blablablá... Pensou, pensou, pensou... "Essa é a vantagem da Internet, todo mundo pode extrapolar", disse para si mesma.
E apertou o enter.

SÓ QUANDO SE SENTIU devidamente instalada e acomodada no número 312 da rua 13, entre a Sexta e a Sétima avenidas, em Nova York, Penélope se deu conta: era oficialmente uma estrangeira morando em outro país, com outros costumes, outra cultura e nenhum amigo.
Até então estivera muito ocupada convencendo a mãe -que tinha medo de que a filha se apaixonasse e nunca mais desse as caras no Brasil - e a si mesma de que a melhor coisa a fazer era estudar fora, aprender uma língua, conhecer pessoas diferentes, ganhar mais maturidade, estudar teatro profissionalmente...

O pai, como ela previra, prontificou-se imediatamente a ajudar. Era seu sonho vê-la estudando em outro país. Em um mês, ela estava embarcando com tudo a que tinha direito: malas e mais malas, visto de estudante, lugar para morar acertado, matrícula no Atores Studio paga, mais sonhos, medos, expectativas...

Antes de entrar no avião, choramingou e repensou a vida. Sabia que voltaria uma pessoa melhor da viagem planejada às pressas, sob uma verdadeira intempérie. "E o meu caminho de Santiago de Compostela. É lá que eu vou botar a cabeça no lugar", ela explicou para a mãe e para Emílio.

Sentada na poltrona da aeronave, devorando um Toble-rone gigante, riu ao lembrar-se da frase de Emílio no aeroporto: "Tinha de ser para tão longe? Não dava para fugir da Luiza para Minas ou Florianópolis?"

Fuga ou não, isso ainda não estava certo na sua cabeça, Penélope foi embora sem olhar para trás. Sabia que tinha muito a aprender no próximo semestre. Inclusive a língua.

Pouco antes de viajar, a aspirante a atriz - que de início alugaria um quartinho numa casa do Brooklyn - descobriu uma residência só para mulheres, a Markle Residence, fincada no charmoso West Village, mais barata e muito mais bem localizada do que o tal quartinho.

Lá fixou endereço e logo enturmou-se com as japonesas, balinesas, canadenses, italianas, francesas, americanas e, claro, brasileiras (bastaram poucas horas para ela perceber que brasileiro era o que não faltava na Big Apple). Eram bailarinas, atrizes, instrutoras de Pilates, professoras de Educação Física, artistas plásticas, babás, dançarinas de salão, flautistas, garçonetes e estudantes do mundo inteiro, cada uma com um sonho diferente na bagagem, todas com a sensação (ou pelo menos a esperança) de que iam realizá-lo na "cidade que nunca dorme".

Mas nem só de jovens sonhadoras se fazia a Markle. Idosos também podiam morar no simpático prédio e logo Penélope ficou amiga do pessoal acima dos 70 anos, que respondia por cerca de 10% da ocupação do edifício, que era jeitoso e aconchegante, apesar da cara - e do tamanho - de hotel (tinha 25 andares e mais de 20 quartos por andar).
Para completar, a residência - que ela descobriu por acaso numa conversa com a amiga de uma amiga - tinha um terraço enorme com vista fenomenal de Manhattan. Assim que chegou, Penélope elegeu o lugar para passar a maior parte do tempo.
No terraço, sob o sol ou sob as estrelas, escrevia - poesias, frases, pensamentos, bobagens -, pensava, relembrava, espreguiçava-se e contemplava Nova York, sempre com a sensação de que o céu lá era "mais alto do que no Brasil".
Bastava um velhinho se aproximar para ela fechar a gramática (Penélope também adorava estudar a língua de Mick Jagger no topo de Manhattan) para aprender inglês na prática. Com a galerinha da terceira idade, ou *Feliz Idade,* como Penélope se referia a eles nas cartas que escrevia para os pais e para Emílio, descobriu histórias lindas, emocionou-se, riu, aprendeu tradições e lendas americanas e aumentou seu vocabulário da melhor forma possível: conversando. E ouvindo.
As aulas informais botaram sua memória para trabalhar e, em uma semana, o idioma que aprendera durante a adolescência começou a desenferrujar, passou a sair mais facilmente da boca. O medo de errar foi abandonando-a e seu afinco no estudo da língua acelerava ainda mais o aprendizado. Mas, apesar do esforço, seu inglês continuava assim, assim e era preciso ficar espetacular para que ela pudesse aproveitar ao máximo as aulas de teatro, que começariam em trinta dias.

Enquanto o dia do curso não chegava, punha-se a desbravar o Village, a andar por suas pacatas ruas, a procurar um lugar para pegar o *Village Voice* (um jornal descolado de NY que todo mundo que é *cool* lê e todo mundo que quer ser coo7 lê também), a comer muffin na Magnolia Bakery, a ler horas a fio as revistas e livros da Barnes and Noble, a comer o melhor cachorro-quente do mundo numa rede de lanchonetes pé-de-chulé chamada Gray's Papaya. Sentiu-se uma típica brasileira moradora do Village quando ficou amiga do Zé, mineirinho fofo, dono e *chef* do Delícia, um charmoso restaurante brasileiro fincado no bairro... Um mundo novo descortinava-se à sua frente e ela estava adorando aquela novidade toda.

Andar por Manhattan dava-lhe um prazer absurdo. Em suas caminhadas ela fuçava lojas de CDs, cerâmica, óculos e decoração. Descobriu ótimos brechós e antiquários no SoHo e encantou-se com o Central Park - era ainda mais bonito do que nos filmes. Aliás, enquanto caminhava, Penélope sentia-se personagem de um filme, "NYC é uma cidade-filme", ela decretou.

Aproveitou sua temporada nova-iorquina para visitar museus. Maravilhou-se com o Metropolitan, o Guggenheim e especialmente com a Biblioteca Pública de Nova York. Fez o roure tudo. Achou a construção belíssima.

Habituar-se com os meios de transporte de Nova York também não foi difícil. Em pouco tempo ela ia de metrô a exposições, peças, restaurantes e parques, com a maior facilidade. Demorou apenas alguns dias a mais para compreender o que os vendedores de tíquetes diziam. Eles eram grossos, mal-humorados, pareciam rosnar ao microfone quando ela fazia alguma pergunta.

Em seus passeios, Penélope olhava para o alto embasbacada e sonhava em ganhar muito dinheiro como atriz para um dia investir na criação de um "Maca *Touf* na Maçã. "Vai ser sensacional! Imagina conhecer essa cidade deitado", *viajava.*

Não demorou para encontrar um clube onde podia nadar por tempo indeterminado a 10 dólares por semana, um salão de beleza em que fazer pé e mão não era o preço de um jantar num restaurante caríssimo no Brasil e uma biblioteca próxima do prédio onde morava. Ficava a apenas quatro quadras da Markle Residence. Lá, lia livros, checava e-mails gratuitamente e dava uma espiada no mural de avisos para ver se tinha algo interessante para fazer.

Um dia, chamou sua atenção um comunicado do instituto de cegos de Nova York, em Chelsea, bairro vizinho ao

Village. No folheto, um texto convidava as pessoas para se cadastrar, como voluntárias, para ler para deficientes visuais. Penélope achou ótimo. Iria ajudar e, ao mesmo tempo, praticar seu inglês. Logo foi chamada e passou a ler para um senhor do Bronx chamado Robert, que, a cada dia, elogiava mais a melhora do sotaque da aspirante a atriz.

Feliz e com o idioma mais fluente, tratou de tentar arrumar emprego. Queria garantir uns dólares para dividir as despesas com seus pais. Era o mínimo que podia fazer.

Desceu da Markle, virou à esquerda, entrou no restaurante italiano vizinho à residência e, bingo!, estava com sorte. Conheceu Gianne, o maitre, que estava à procura de garçonete pois tinha acabado de demitir uma. Penélope começou naquela noite mesmo. E em pouco tempo, com as gorjetas gordas que os ricaços que freqüentavam o restaurante lhe davam, passou a ser a mais animada garçonete da cidade.

Mesmo respirando, comendo, dormindo, sonhando e acordando em inglês, os micos foram incontáveis. Ela perdeu a conta de quantas vezes pediu aos garçons um "kidnap" (seqüestro), em vez de um "napkin" (guardanapo), e de quantas vezes solicitou "the recepy" (a receita), em vez de "the receipt" (o recibo).

Em pouco tempo de NYC, Penélope já se autodenominava profunda conhecedora da grosseria dos nova-iorquinos (apelidou a "espécie" de Homo Grosserus), mas a cada dia gostava mais daquela cidade agitada. Sentiu-se uma típica moradora de Manhattan ao cruzar com Woody Allen e a mulher na Park Avenue e ao servir Liv Tyler no restaurante em que trabalhava sem manifestar um pingo de tietagem. Tudo, claro, muito *cool.* Afinal, nova-iorquino que se preza ignora solenemente celebridades em geral. Nova-iorquino é o carioca dos Estados Unidos.

Com trabalho, livros e tanto desbravamento, ela praticamente não teve tempo de pensar em Luiza e no escândalo na lanchonete. Estava comprovado: ir para NY fora a melhor decisão.

Um mês se passou. Era chegada a hora de começar o curso de teatro tão sonhado. A língua já não era mais barreira, Penélope pensava.

Desde que decidira ser atriz seu sonho era ter aulas no Actor's Studio, por onde já passaram Marilyn Monroe e Marlon Brando. Logo no primeiro dia do curso, ela percebeu que não seria tão fácil acompanhar o ritmo da aula e adaptar-se aos exercícios, tanto teóricos quanto práticos. Não falava tão bem quanto imaginava e se soltar no palco em inglês era tremendamente mais difícil do que em português.

Pior ainda era interromper a aula para dizer que não tinha entendido. Gostava mesmo era da hora do relaxamento, quando todos ficavam mudos, absolutamente calados, alongando-se. O silêncio era, incontestavelmente, um alívio.

Por isso, passou a estudar em dobro. Lia vários textos por dia, via desenho animado (um amigo que morara fora lhe dera essa dica, de que era um inglês dito perfeitamente e fácil de entender), ouvia discos acompanhando as letras das músicas, assistia a pelo menos dois filmes por semana e não podia ver um velhinho de bobeira que puxava conversa. Ah!, também cortou relações com as brasileiras. Achou que conversar em português estava dificultando seu aprendizado da língua inglesa. Virou a antipática, mas a estratégia começou a dar resultado.

Aos poucos, o estresse dos primeiros dias de aula foi dando lugar a um imenso prazer. Não demorou muito para se sentir completamente à vontade com seus amigos durante e depois das aulas, quando ia com eles a bares descolados para conversar sobre Stanislavski, Brecht, teoria teatral.

No fim do quarto mês de aula, sentia-se bem mais confortável com a língua e, com a força de Ganesh, um indiano que também perseguia o sonho de ser ator na cidade, começou a querer se aventurar pelos testes que povoavam o mural do Actor's Studio. Era teste para tudo quanto era lado. Teste para comercial de pasta de dente, teste para Garçonete 2 em uma comédia de situação ou *sitcom,* teste para um papel de muda numa peça experimental livremente inspirada na Grécia Antiga (ui!)... Algumas produtoras exigiam o *Green Card,* mas Penélope tinha visto de estudante, o que a deixava habilitada para fazer a maioria dos testes.

"Meu Deus, nem acredito! Eu, euzinha, vou fazer meu primeiro teste em Nova York. Eu sou muito abusada, mesmo!", pensou, antes de bater na porta de Lisa Byers, uma agente para atores em início de carreira que cuidaria de seus passos dali em diante.

Ávida de Penélope voltara a andar para a frente.

COM O ANONIMATO a seu favor, Luiza não se incomodava em ruborizar com alguma frase mais... picante que soltasse na Internet. Aliás, depois de uns três meses conversando on-line com Gabriel, ela tinha se transformado em outra Luiza.

Brotou uma menina que não existia no mundo real. Ousada, desavergonhada, que dizia ficar com vários por semana, gabava-se por seduzir quem bem entendia, orgulhava-se por saber dar 97 tipos de beijo. Logo ela, a mais retraída, a mais preocupada com assuntos sentimentais e sexuais.

Mentia descaradamente. Chegou a afirmar que sexo não tinha nada a ver com amor e que não gostava quando os garotos ligavam logo no dia seguinte.

Vocês têm de aprender a fazer jogo duro! Ninguém gosta de homem-chiclete! A gente se sente pressionada e às vezes foi só uma noite, mas o cara não entende... Isso acontece tanto...

Isso era Luiza na Internet. Virou Luiza Mente Que Nem Sente.

O tempo passava, os e-mails proliferavam (era comum perder a conta de quantas mensagens trocava com Gabriel por madrugada) e a curiosidade aumentava. Ela queria conhecer o rosto daquele cara do bem, simpático - que até agora não lhe mandara nenhuma fotografia -, saber como era sua voz, suas mãos, suas unhas... Mas tinha vergonha de se convidar para sair. Muita vergonha. Afinal, no mundo real ela não era nem de longe a menina desencanada e desajuizada que era na web. E sabia que jamais conseguiria ser.

Um dia, chegou em casa da faculdade e, como sempre, foi correndo para a frente do computador. Levou um susto. O e-mail dele era curto e grosso:

Que *tal pegar o pôr-do-sol hoje no Arpoador? Te encontro lá às cinco e meia, a gente se conhece, toma uma água-de-coco... Que fique claro, Luiza, isso não é um convite, é uma intimação.*
Ela gelou. Era tudo o que mais queria e tudo o que menos queria! Estava morta de curiosidade, mas não poderia encará-lo de frente! Como assim, conhecer um cara que só sabia mentiras a seu respeito? "Caramba, por que eu menti tanto? Também eu nunca achei que fosse ver ao vivo alguém que conheci na Internet", ponderou.
Era sua primeira chance de sair do quarto e se relacionar com alguém de carne e osso, tão atencioso e amigo. Tomou a decisão: iria ao encontro. Se fosse com a cara dele, desmentiria tudo logo na primeira oportunidade. Senão, nunca mais o encontraria pessoalmente. Muito simples.
Combinaram as roupas, para não haver saias justas. Luiza iria de short jeans e camiseta branca de alcinha; ele estaria de bermuda jeans e camiseta preta.
Às seis da tarde de uma terça-feira, viu-se, emoldurada pela paisagem deslumbrante do Arpoador, esperando pelo homem que supunha conhecer como a palma da mão. Que queria conhecer como a palma da mão. Achava até que sabia muito dele, mas aquele muito era tão pouco...
"Imagina se ele for bonito além de tudo o que ele me escreve?", seu pensamento voava longe. Ao mesmo tempo, seu lado mais *mulherzinha* temia que ele fosse sujo, barrigudo, mal-educado ou que tivesse dois ou três dentes a menos. Afinal, se ela mentia, ele também devia mentir.

A cada vez que um homem feioso, sem graça e sem veneno se aproximava, ela repetia mentalmente "Não pode ser ele! Não pode ser ele!". Foram muitos "não pode ser ele!". Já estava ficando desagradável aquela sensação de garota abandonada, que levou bolo.

Até que avistou, atravessando a rua, um todo bonito, com barba por fazer, cabelo curtinho, castanho-claro, olhinho azul, saradinho, nem muito alto, nem muito baixo... Lindo, lindo... Só que, infelizmente, a camiseta era verde. Ela até já tinha se virado novamente para dar mais uma procurada, quando ouviu:

-Luiza? Era Gabriel! Uau!

O médico era uma coisa de louco! E tinha as unhas da mão direita maiores que as da esquerda (o que deixou Luiza encantada, ele tocava mesmo violão, não era mentira).

-Você não pode ser o Gabriel! - disse Luiza, incrédula, abrindo um enorme sorriso.

-Você é exatamente como eu imaginava! Linda!

- E você é mentiroso, veio com a cor errada! - brincou Luiza, levemente irritada. Na certa ele fizera isso para poder escapar caso a achasse um bucho.

- Como assim, cor errada? Será que eu confundi? Pô, foi mal! Mas que maravilha ver seu rostinho de boneca!

Como toda garota é igual, bastou isso para Luiza se derreter e cair de amores. E pior! Já começou a imaginar toda uma história romântica com ele!

Também pudera. Seu sorriso era fofo, as atitudes eram fofas. Tudo naquele homem era fofo. Foférrimo. Carinhoso, gentil, cavalheiro. Era o genro que sua mãe pedira a Deus.

Que mãe o quê? Gabriel era o namorado que Luiza pedira a Deus.

O sol caiu atrás da Pedra da Gávea, um espetáculo que se repete diariamente, mas deslumbra pela perfeição, pelo cenário, pela aura de Ipanema. Ouviram-se alguns aplausos mirrados de quem parou para assistir, mas os dois nem repararam. Só viam um ao outro.

Conversaram à beça, assunto era o que não faltava. Riram muito, ele pediu desculpas pelo pequeno atraso, e Luiza já começava a imaginar o beijo que logo viria. Aquele, sim, ela beijaria no primeiro encontro. Claro! O clima, o olho-no-olho, a mão-na-mão... Para ela, tudo isso já tinha acontecido, só que no mundo virtual.

Mas antes do tal beijo...

-Luiza... vou te dizer, hein! Ninguém imagina que você, com essa carinha de anjo, escreve aquelas coisas! Guardei todos os seus e-mails. Eles me deixam louco, sua safadinha tarada! - sussurrou Gabriel.

Ui!

"Safadinha tarada" foi forte! Muito forte! Luiza tinha pouco tempo para pensar em algo. Viu que ele gostava do seu lado "bonitinha, mas ordinária", mas ela não era nada "bonitinha, mas ordinária". Pode ter sido a decisão mais burra, mas preferiu abrir o jogo. Não queria começar uma relação em cima de mentiras. Se é que haveria uma relação depois da revelação:

- Olha, eu não sou nada daquele jeito, nada! Desculpa! Sei que deve ser difícil acreditar, mas eu inventei aquela menina liberada que tecla com você!

- Quer dizer que era mentira? Você é daquelas que se aproveita do anonimato da rede para mentir, Luiza? - perguntou Gabriel, indignado.

Ela não precisava ouvir isso. Mas sabia que estava colhendo o que havia plantado. Já o via virando-lhe as costas, sem se despedir, irritado com a perda de tempo, indo embora para sempre do seu computador e da sua vida, com motivos de sobra.

-E você acha que eu não desconfiava? - Ele abriu um sorriso e pôs sua mão sobre a de Luiza. - A Internet nos leva mesmo a contar pequenas mentiras sob o escudo do anonimato. Eu sei que é irresistível!
-Jura? - perguntou, aliviada e com um sorrisão no rosto. - Juro, princesinha. E quer saber? Eu também menti para você.

Obvio que ela pensou o pior, era uma garota, afinal de contas. "Ele é casado, mora num cortiço, tem seis filhos, nunca foi médico e está só querendo se aproximar de mim por causa do dinheiro do meu pai", imaginou, num pequeno, porém considerável, acesso de desespero.
-Eu te contei que tive um Porsche, né? Bem... Não foi bem assim... Na verdade, eu aluguei um por uma semana em Miami. Deixou de gostar de mim?
Ufa! Luiza suspirou, para lá de feliz. Aquilo quase nem era mentira.
- Claro que não! Mas e você? Deixou de gostar de mim por causa das minhas mentironas?
- Não acho mentiras. Acho verdades escondidas dentro de você. Mas me tira uma dúvida. Os 97 tipos de beijo...

- Mentira - antecipou-se Luiza, encabulada.
- Sabia! - disse ele, rindo.

O riso morreu. Restaram os olhares. Gabriel olhou fundo nos olhos de Luiza. Olharam-se durante um bom tempo até ele começar a brincar deslizando os dedos sobre os lábios de uma Luiza para lá de derretida. Os dedos dela também se empolgaram e timidamente passearam ao redor da cintura de Gabriel. Aqueles eram, definitivamente, os melhores segundos antes de um beijo que tivera em sua vida. Iam ficar para a história!
De olhos fechados, mas sorrindo com eles, a boca entreaberta, esperando a boca de seu médico encostar na dela, Luiza vivia um momento de felicidade plena, um sentimento forte que a deixava de pernas bambas e peito quente. Que coisa gostosa de sentir!
O beijo foi o mais perfeito que já dera. Beijaram-se apaixonadamente durante minutos a fio, esqueceram-se da vida. O céu lilás e o Dois Irmãos pareciam abençoar o novo casal de Ipanema, que a partir daquele momento não conseguiu se desgrudar. Abraçavam-se longamente, olhavam-se longamente em silêncio.
Depois da empolgação inicial, Gabriel a chamou para jantar, mas ela achou melhor deixar para o dia seguinte.
Marcaram e ele apareceu na hora exata para buscá-la. Foram a um restaurante japonês e comeram sushi com os olhos grudados um no outro.
-Vamos para a minha casa? - arriscou ele, ao fim do jantar.
Não conhecia Luiza mesmo!
- Ainda não.
- Por quê?
-Porque não. - Ela se esforçou, mas não conseguiu encontrar explicação melhor do que essa horrorosa.
-Está bem, entendo, você tem seu tempo. E eu respeito. "Lindo!", ela vibrou por dentro.
Ai, ai, garotas...

Saíram mais três vezes. Foram ao cinema, com direito a esticadinha no café da livraria vizinha, no dia seguinte bateram o ponto num restaurante grego em Botafogo e, no fim de semana, Luiza fez o teste da praia. Gabriel foi aprovado com louvor.

Era lindo de bermudinha larguinha e peito nu, era todo bom. Foram juntos à Prainha, a praia preferida dele. Depois, almoçaram moqueca de cação num restaurante escondido em Barra de Guaratiba e dividiram um pedaço de torta alemã de sobremesa.

- Você fica linda queimadinha de sol.

- Você acha? - fez charminho.

- Eu quero tanto ficar sozinho com você, Luiza...

Ela também queria... Mas não pretendia voltar àquele assunto.

- Por favor, Gabriel, eu não quero me sentir pressionada. Quando tiver de acontecer, vai acontecer, tá?

- Mas você... você também quer ficar sozinha comigo... não quer?

Gabriel tinha um olhar pidão enlouquecedor.

-Claro que quero! Mas hoje não, vai!

-Amanhã, então? Se não puder, pode ser depois de amanhã, de manhã bem cedo?

-Ai, pára! Não é assim, também! Não tem dia certo!

-Olha aí: se não tem dia certo, pode ser hoje, então! Garçom, a conta!

Não adiantou. Nem o charme, nem a voz, nem a insistência de Gabriel fizeram Luiza mudar de idéia. Não foi daquela vez. Dois dias depois, entretanto...

-Você não quer conhecer meu apartamento? - perguntou, incisivo.

- Não sei...

- Não sabe o quê, linda? Tem medo de quê?

- Medo de nada! - tratou de retrucar, incomodada com a acusação. - É que eu nunca fui muito fácil, se é que você me entende. Para falar a verdade, sempre foi meio contra os meus princípios sexo sem amor.
- Mas não vai ser sexo sem amor. Você tem alguma dúvida disso?
- Quer dizer que a gente pode vir a namorar? - indagou Luiza, com os olhos brilhando, dando a maior bandeira.
- A gente já está namorando, princesa!
Pronto. Era tudo o que ela queria ouvir! A simples ausência dessa frase era a única coisa que a estava incomodando. Tinha medo de Gabriel, a qualquer hora, aparecer com a desculpa "estou num momento muito meu", a maneira com a qual alguns caras gostam de dispensar a mulherada.
A frase "A gente já está namorando" foi a deixa que faltava para ela se entregar a Gabriel sem medo, sem culpa, sem insegurança. Foram para o apartamento dele. E tiveram uma noite linda, repleta de beijos, carinho, cumplicidade, ternura. E muitos abraços. Abraços demorados, apertados, sinceros, amorosos. Mas logo veio à tona a realidade.
- Tenho de ir, não posso dormir aqui, minha mãe me mata.
- Eu te levo, mas antes vamos pedir uma pizza?
A proposta era tentadora, mas Luiza queria ficar sozinha um pouco. Queria ir para casa refletir sobre o que tinha feito.
-Não precisa me levar. Prefiro pegar um táxi e ir sozinha.
-Por quê, amor? Eu fiz alguma coisa de errado? Amor. Ele a chamou de amor!
-Claro que não! Você foi ótimo. Eu é que sou meio chata.
Gabriel parecia não se importar com a ingenuidade e imaturidade (e chatice, verdade seja dita!) da amiga-virtual-que-virou-namorada.

-Você não é nem um pouco chata. Eu te entendo, afinal você mora com seus pais, deve explicações a eles. E nós só estamos juntos há uma semana, é claro que eles não entenderiam se você dormisse aqui.

Ouvindo isso, Luiza se jogou nos braços do (agora oficialmente) namorado e o encheu de beijos.
Gabriel respeitou sua vontade e ela pegou um táxi para casa. Eram quase duas da manhã e ela tinha saído antes das sete. Sua mãe perguntou onde esteve e ela mentiu, dizendo que tinha saído com duas amigas da faculdade depois de passar o fim do sábado terminando um trabalho.
Como explicaria à mãe que estivera no apartamento de um cara que conheceu na Internet? Ainda era cedo, muito cedo para falar do novo namorado para sua família. Eles certamente achariam o ritmo do namoro acelerado demais. E ela não estava a fim de se estressar, estava muito feliz para isso.
Os dias se passaram e Luiza e o médico continuaram se vendo freqüentemente. Almoçavam juntos, jantavam juntos, iam ao cinema e geralmente terminavam a noite no pequeno apartamento dele.
Gabriel nunca deixou o romantismo de lado e parecia ser o homem mais perfeito do mundo. Dava flores, bilhetes apaixonados, bichinhos de pelúcia... Luiza manteve firme a recusa de dormir na casa dele, mesmo depois de contar aos pais sobre seu relacionamento com o médico.
Ele era compreensivo, não insistia.
-Sei que em breve nós vamos dormir e acordar juntos todos os dias, amor! E só uma questão de tempo - dizia Gabriel. - Assim que as obras da clínica do meu pai estiverem mais adiantadas, eu te levo a Volta Redonda para conhecer minha família. Mas do Natal não passa. Você precisa experimentar a rabanada da minha mãe, Lu! É a melhor rabanada do mundo!

Luiza ria boba, entortava o pescoço, ficava com cara de pateta, estava fascinada, mesmo depois de quase um ano de namoro. Acreditava ter encontrado o homem da sua vida, seu príncipe encantado. (Garota tem mania de príncipe.) Desconfiava até que não demoraria muito para que ele a pedisse em casamento.
Já começava a pensar com quem poderia fazer seu vestido de noiva, onde casaria, quem convidaria, que músicas tocaria na festa, coisas de Luiza. Tudo ia às mil maravilhas; só o que ela não gostava era daquela vida insuportável de médico, plantões no Rio, plantões em Volta Redonda, pacientes que ligavam no meio da noite... Um saco. Mas, mesmo assim, era linda demais a história que os dois estavam construindo.
Até que estourou uma bomba.
Luiza passou uma semana enjoando toda manhã. Acordava com vontade de vomitar. Vomitava e não conseguia cogitar comer algo no café da manhã. Ficou ansiosa, com um certo medo, até, mas seus peitos começaram a ficar inchados e doloridos; pensou que a menstruação viria muito em breve, mas...
- Gabriel. Eu estou grávida.
Sem medo, sem dúvidas, segura. Já mastigara a idéia e não seria exagero dizer que ela trazia uma pontinha de felicidade pronta para explodir dentro do peito.
Imaginou-o abraçando-a, beijando sua barriga, pegando-a no colo, marcando a data do casamento, comprando os móveis com ela, pintando o apartamento e decorando o quarto do bebê... Para Luiza, era o começo de uma nova vida, fora da casa dos pais. Casada. Mãe de família. Um sonho que tinha se realizado um pouco antes do que imaginara, mas ainda um sonho. Ela amava Gabriel, adorava crianças, sempre tivera um certo magnetismo com bebês, não via a hora de se embrenhar num mundo de fraldas, arrotos, chupetas e afins.

- Grávida? Como assim, grávida, Luiza? Como isso foi acontecer, meu Deus?
- A camisinha estourou. Acontece nas melhores famílias, vem cá - disse Luiza, com um sorriso largo, tentando se aproximar para abraçá-lo.
- Por que você não toma pílula, Luiza? Olha no que deu! Está de quanto tempo? - perguntou, esquivando-se, nervoso.
- Um mês e pouquinho. Fui pegar o resultado hoje.
- Você vai ter de tirar - ordenou Gabriel, seco.
- Nem morta! Acho aborto um crime! Jamais faria isso!
- Luiza, não insista. Desculpe, mas você tem que tirar! - gritou, para depois emendar, suando frio, com a cabeça baixa: - Eu sou casado, tenho dois filhos... Péssimo momento para eu te contar isso, eu sei, mas...
- Casado? - Luiza estava abobada, perplexa, atordoada, sem ação.
- É! Casado. Há sete anos! E não pretendo me separar da minha mulher, Luiza! Ela teve bebê há dez meses, não posso fazer nada por você. A não ser pagar o aborto e te dar todo o apoio do mundo. Para isso você pode contar comigo.

PENÉLOPE NAO DEMOROU a tomar coragem para a primeira audição, para uma novela americana. Uma personagem latina, traficante de drogas, com uma única fala, "Help!", cujo cérebro seria transplantado para o de um orangotango logo após um acidente de avião na floresta amazônica. O teste foi bizarro, ela morreu de vergonha, mas foi lá e fez. Não levou. E levou na esportiva. "Ainda bem!"
O segundo teste foi para um comercial de sopa instantânea. Tudo o que ela tinha de fazer era tomar uma colherada, olhar para a câmera e dizer, sorriso cravado no rosto: "Hummm... Isso é que é sopa!" Não conseguiu, teve ânsia de vômito por conta do cheiro forte de cebola, que ela odiava, e foi expulsa do ser antes da quarta repetição.

O terceiro teste foi para ser amiga número 3 da melhor amiga da personagem principal de um filme. Era um suspen-se que Lisa classificou como "bem legal", um longa que iria reerguer, de uma vez por todas, a carreira de Henry Thomas, o menininho do E.T. Sem contar que era dirigido, oh, meu Deus!, pelo assistente do assistente do diretor assistente dos clipes da Jennifer Lopez.

-Uau! Eu digo *Uau,* Penélope! Uau! - vibrava Lisa, com seu vocabulário pouco extenso e seu sotaque tipicamente nova-iorquino, apressado, agitado, nasal. - Essa pode ser a sua chance de ser vista! A sua chance de virar Marilyn - exagerava.

-Menos, Lisa, menos... - brincava Penélope.

Lisa era uma figura, cabelos sempre desgrenhados, mas não de um jeito Gisele; de um jeito despenteado, largado, com cara de sujo, mal-ajambrado. Tentava domar a juba botando tudo para cima, num rabo do lado direito, bem no alto da cabeça. Vivia de jeans e camisa branca larga de botão, tinha quase dois metros de altura e uma escoliose que a fazia pender visivelmente para a direita, era para lá de divertida e torcia sinceramente por Penélope. Mas a brasileira era apenas mais uma das clientes de Lisa, atrizes que tentavam a sorte em Nova York.

O quarto teste foi para ser dançarina rebolativa de talk-show engraçadinho, o quinto para tentar a vaga de Monga (mulher que se transforma em gorila) num parque de diversões em Nova Jersey, o sexto para um comercial de meias com tecido exclusivo que não deixava o pé suar, o sétimo para ajudante de hipnotizador *underground,* o oitavo para encenar, numa feira agropecuária, a aplicação de um produto para fígado de boi e o nono para um anúncio de inseticida, no qual precisou vestir-se e atuar como... mosquito. Uma emoção inenarrável.

Não passou em nenhum. Não, nem para o papel de Monga, a Mulher Gorila. Disseram que ela exagerou na interpretação. Pode?

Pouco depois da maré de audições bisonhas, ela foi fazer um teste para tripulante de um foguete espacial que seria destruído por um meteoro gigante no novo filme de Ben Affleck, por quem Penélope era simplesmente apaixonada. Olhou para ele fixamente na produtora onde aconteceu a audição. Ele gostou de ser olhado, riu, ela riu de volta, mas ficou por isso mesmo. "Oba! Quando voltar para o Brasil vou poder contar para todo o mundo que o Ben Affleck me deu mole!", comemorava, rindo da própria brincadeira.

A maré de azar era só no quesito carreira. No quesito coração, Penélope já tinha dado umas bitocas em Montakha, seu colega jamaicano de teatro, e em Jeff, gringo boa gente que trabalhava na loja de artigos naturais da esquina da rua onde morava. No restaurante, sua eficiência e simpatia lhe garantiam gorjetas cada vez maiores e na Markle fazia novos amigos diariamente e aproveitava para lapidar seu inglês.

Aliás, se havia uma vitória naquela viagem, era seu inglês, que estava bom, muito bom mesmo. Para melhorá-lo ainda mais, com a grana das gorjetas, Penélope matriculou-se num curso para trabalhar o sotaque, para aprender a maneira correta de pronunciar as palavras.

As aulas tinham acabado de começar quando surgiu o primeiro teste interessante, para uma comédia de situação, ou *sitcom,* como preferem no Brasil. Era para viver a namorada latina e sensual do mocinho mulherengo da história.

Botou na sua enorme bolsa de lona a tiracolo figa, olho turco, fitinhas do Senhor do Bonfim, santinhos de São Judas Tadeu, uma garrafinha com sal grosso, tudo para que a sorte não a abandonasse, tudo para conseguir abocanhar finalmente um papel. Já estava ficando chato fazer vários testes por semana e não passar em nenhum. Ela não queria voltar para o Brasil sem a experiência de trabalhar como atriz nos Estados Unidos.

Fez o teste e achou sinceramente que tinha a tal da química com o ator, um mauricinho metido a estrela que Penélope achou arrogante demais para seu gosto. Ela e mais seis meninas tentavam o papel.

O diretor pediu a três atrizes para darem um passo à frente, e ela estava nesse meio. Seu coração pulou para a boca. Mas a frase que ouviu em seguida do homem de cara antipática foi: "Vocês estão dispensadas."

E assim, com aquele bom e velho "Não foi dessa vez, obrigado, se aparecer alguma outra coisa a gente entra em contato" ao qual muitos atores estão acostumados, seguiu-se a vida de Penélope. Sua carreira de atriz não emplacava mesmo. Teste atrás de teste, para musical off-Broadway, para filmes baratos... Não levou nenhum.

Por um bom tempo, culpou seus peitos. Achava-os pequenos demais para os padrões americanos. Depois implicou com seu sotaque, com sua voz (achava que ela não era enjoada o bastante), com seus olhos castanhos (por que não eram azuis?)...

Nada que a fizesse desistir. Ainda mais agora, que seu inglês já dava para xingar, discutir, reivindicar, desviar de cantadas e até bater boca com diretores, garçons e vendedores mal-educados. Penélope estava se sentindo a própria nova-iorquina. Já conseguia ficar sem ligar para o Brasil por mais de duas, três semanas! No começo, ligava dia sim, dia também.

Foram, pelo menos, uns 68 testes seguidos por respostas negativas. Aquele bando de fiascos acabou por baixar sua auto-estima, e ela passou a duvidar do seu talento, da sua vocação.
Nada acontecia, até que um dia sua sorte pareceu ter mudado.
Numa seleção, com mais de setenta meninas, algumas lindas e com milhões de testes e comerciais na bagagem, ela conseguiu fisgar um lugar entre as cinco finalistas.
Até então, os testes foram simples. Era só olhar para a camera e dizer um texto que queria passar a idéia de dramático. Suas lágrimas sinceras conquistaram e lhe renderam elogios de produtores e até do próprio diretor, o que aumentou suas esperanças. Numa bela manhã de outono, ela se deu conta de que eliminara mais de 60 candidatas. Era sua primeira grande chance.
No dia do último teste, estava tão estimulada e otimista que foi até o salão de beleza fazer uma escova só para o seu cabelo ficar com mais vida. Era preciso estar, além de ótima, linda. Ela confiava no seu talento, apesar de balançar a respeito dele quando as coisas não iam bem, mas morria de medo das outras atrizes. Elas eram americanas, afinal de contas!
Brasileira com muito orgulho e com muito amor, Penélope estava extremamente feliz por ter chegado até ali. E agora, tão perto do resultado, sentiu um frio enorme na barriga, não pôde deixar de se imaginar ligando para o Brasil para contar as novidades. E que novidades! Além disso, estava curiosa para saber como seria o teste derradeiro.

Chegou ao estúdio, recebeu um papel com um texto e foi chamada, junto com as outras candidatas, a ir para uma sala. A mulher que as levou até lá tinha um nariz arrogante e era a cara da Cher (verdade, as cirurgias plásticas devem ter sido feitas pelo mesmo médico). Falou com voz pausada que elas teriam uma hora para decorar suas falas e que quando o tempo expirasse iria buscá-las. Dito e feito.
Em uma hora ela voltou e, em vez de chamar todas juntas, chamou apenas uma e sumiu com ela pelo corredor. Foi assim até chegar a vez de Penélope, que estava em pânico, sem saber para onde as outras tinham ido e por que não voltaram para contar como foi.
Seguiu a Cher de Chinatown até a sala de um jovem cujos cabelos começavam a ficar grisalhos, mas que não devia ter mais de 35 anos. Simpático, pediu-lhe que dissesse o texto olhando para ele.

Logo em seguida perguntou:
- Você consegue dizê-lo com sotaque do sul?
- Sotaque do sul? - apavorou-se Penélope. "Ai, meu Deus, é o povo do Sul que fala com o nariz tapado? Ou esse é o pessoal do Norte?", sofria em silêncio.
- É. Por que o espanto? Você mora há quanto tempo aqui em Nova York?
- Há uns dez meses.
-Ah... Em tão pouco tempo é difícil mesmo distinguir os sotaques. Você não tem noção de como é o sotaque do sul ou tem uma vaga idéia?
- Vou ser supersincera: eu não sei como é. Mesmo. Mas garanto que posso aprender, em dois tempos! Acabei de me matricular numa aula para trabalhar o sotaque, tenho certeza de que a minha professora pode me ajudar!

- Claro que pode - ele disse, simpático. - Agora a Susan, a moça que te trouxe aqui, vai te acompanhar até a sala onde estão as outras meninas. É que a gente decidiu dar o resultado ainda hoje. Estamos com pressa. Tchau e obrigado.

Surpresa - resultados costumavam ser divulgados no mínimo três dias depois, e por telefone - e não tão otimista quanto antes, Penélope esperou. Esperou uma eternidade. Até que Susan, a Cher falsificada, entrou na sala.

- Mónica e Jéssica, venham comigo. As demais estão dispensadas. A gente está com o telefone de vocês. Qualquer outra oportunidade, a gente chama.

- Peraí! Eu nem tive chance de falar com sotaque do sul! Eu tenho certeza de que posso aprender! Falei para ele!

-Eu não posso fazer nada por você, baby, nem adianta reclamar comigo. Eu sou uma mera assistente, baby. Mas seu telefone está aqui, pode deixar que a gente liga se...

- Liga nada! Vocês nunca ligam! Não agüento mais ouvir esse papo! - estourou Penélope enquanto Susan desaparecia pelos corredores com as escolhidas.

A aspirante a atriz chorou como nunca. Foi embora cabisbaixa, as pessoas em volta olhando com pena. Mas ela não queria pena. Queria o papel! Queria uma chance, uma só, caramba! Tinha imaginado tanta coisa... Arrumou-se tão bonita, preparou-se com tanto afinco... "Para nada", concluiu.

Desceu no elevador sentindo um misto de raiva, decepção e insegurança. Achou que se não conseguira aquele papel jamais conseguiria outro. Saiu arrasada do prédio da NBC, no Rockefeller Plaza, certa de que optar pela carreira de atriz fora uma grande burrada.

"Eu sempre acreditei tanto em mim, fiz tanto pensamento positivo... mas de que adianta? Já vi um monte de meninas pessimistas até a raiz do cabelo passarem em testes. Por que só não acontece comigo? Por que só eu não consigo?", lamentava em silêncio.
Nova York de repente lhe pareceu cruel. A cidade havia sufocado seus sonhos de menina. Mas Penélope adorava estar ali, deliciava-se comendo cachorro-quente nas barraquinhas, encontrando liquidações inacreditáveis, vendo a vida passar na Washington Square...
Ela teve de se perguntar: "Será que tantos 'nãos' são a prova de que eu devo seguir outro rumo?" Chegou a cogitar fazer outros cursos por lá, terminar a faculdade de jornalismo, quem sabe... Isso! Ela daria um pulo antes do jantar nas universidades próximas à Markle para apurar. Vai ver seu futuro estava numa emissora de tevê, "à frente de um telejornal", sonhou alto.
Sua auto-estima, porém, continuava lá embaixo. Descendo as escadas da estação de metrô, prometeu a si mesma: nada mais de testes. Só no Brasil, se um dia ela voltasse, e olhe lá.
No metrô lotado, várias pessoas se espremiam, pedintes faziam discurso para angariar dinheiro, alguns passageiros liam sem sequer notar o sacolejar do vagão, outros olhavam no relógio, outros liam os anúncios. "Todas essas pessoas têm emprego, colegas de trabalho e salário fixo no fim do mês...", pensou Penélope, num acesso de pessimismo subterrâneo. "Por que eu não sou uma dessas pessoas com sorte na vida? Por quê? Por que eu não consigo fazer nem uma ponta? Nem uma figuração, poxa! Por quê?", ruminava, em silêncio.
Com os olhos vermelhos de tanto chorar, procurou na sua enorme bolsa por um lenço descartável para assoar o nariz. Enquanto catava, o trem estacou e ela perdeu o equilíbrio. Caiu no colo de um musculoso tatuado, com um pier-cing no queixo.

Ficou azul de vergonha. Levantou-se rápido, pediu desculpas com um sorriso amarelo, ajeitou-se e tentou desviar o olhar do cara. Só que ele a olhava de uma forma tão estranha e insistente que a fez disparar:
-Que é que você está olhando, hein? Já pedi desculpa, pô!
O homem abriu um sorriso e retrucou:
-Que bom que você caiu no meu colo! Que bom!

NA CLINICA CLANDESTINA, muitas meninas com os olhos voltados para o chão fingiam não acompanhar o ritual que se repetia diante de seus narizes. Uma enfermeira chamava, um casal (ou uma menina com a mãe ou com uma amiga) ia até ela, deixava uma quantia em dinheiro, assinava um papel e voltava a se sentar.
Gabriel foi com Luiza, que ficou genuinamente espantada com a infra-estrutura do local. A sala de espera era como a de um consultório comum. Revistas nas mesas, música ambiente, atendentes oferecendo água, café...
Luiza estava arrasada, morta por dentro. Nunca imaginara que passaria por uma situação daquelas. Mas chegara à conclusão de que tirar era mesmo a melhor opção. Não queria ter um bebê de um cara casado. Casado! Não era certo trazer uma criança ao mundo nessas circunstâncias, Gabriel a convencera.
- Luiza Villagio Penna - chamou uma enfermeira.
Ela gelou. Depois de cumprir o ritual do pagamento, Gabriel lhe deu um beijo na testa antes que entrasse.
Foi um constrangimento horrível. Teve de fazer exame ginecológico e achou que era ali, naquela salinha e sem nenhum aparelho, que iriam tirar seu neném.
Começou a chorar, chorar muito, muito mesmo, pensou em desistir. A enfermeira a acalmou, dizendo que aquilo era só precaução para que nada na "operação" saísse errado.

Mandaram-na para uma sala onde um jazz para lá de animadinho não animava nada o ambiente. Duas meninas sentadas afundavam-se nas poltronas num silêncio sepulcral. Luiza sentou-se calada e assim permaneceu até que se instalou ao seu lado uma menina de cabelos compridos pretos, muito bonita e muito magra.

- É a primeira vez? - perguntou para Luiza.

- Primeira e última. E você?

- E a segunda, infelizmente. Você está nervosa?

- Bastante.

-Não precisa. Fica tranqüila, esta é uma das melhores clínicas do Brasil. Você está em boas mãos.

-Por que você não tem o bebê? - quis saber Luiza.

- Sem condição! Já tenho uma carreira que dá muito trabalho. Sou modelo, estou indo para o Japão daqui a duas semanas. Não posso jogar essa chance pela janela. É o começo do meu pé-de-meia para um dia poder criar de forma digna o meu filho. Ainda não é hora.

- Desculpe perguntar, mas como fica sua consciência depois?

- Não pense que eu gosto disso, por favor! Acho que o pior castigo para a mulher que aborta é o próprio aborto, as conseqüências, o trauma, a dor de consciência, como você falou... Só quem passa por isso sabe a barra que é.

Luiza aproveitou a deixa para tentar dividir sua angústia.

- Eu estou com tanto medo... Medo da coisa em si, medo do que vai acontecer depois...

- Tudo fica uma porcaria depois, os primeiros dias são os piores. Mas passa. Tudo na vida passa.

- Como você engravidou?

- Pelo modo convencional, ora!

Luiza tentou esboçar um sorriso, mas ficou chocada com a frieza de sua, digamos, colega de sala de espera.

- Brincadeira! Só para ver se você relaxa!

A menina, que devia ter uns 18 anos, estava aparentemente calmíssima, apesar de toda a inquietação causada por aquele momento. Fez bem a Luiza conversar com ela. Só que o assunto morreu, justamente quando ela estava com a cabeça cheia de perguntas. Queria saber como era depois e, na hora, se doía, essas coisas. Mas ficou com vergonha. Preferiu esperar calada e encontrar as respostas por conta própria.
Uma funcionária as chamou e as levou para o segundo andar. Foram para outra sala de espera, onde uma enfermeira gorducha com fala mansa e cara de boazinha explicou o passo a passo do que aconteceria dali em diante e deu dicas para o que chamava de "pós-operatório" - a palavra aborto ali era simplesmente ignorada, inexistente.
O que mais a chocava era a clínica ser clandestina e ter uma infra-estrutura daquelas, com tantas enfermeiras, tantos médicos, salas de estar, móveis de luxo, equipamentos de primeira e tudo o mais de uma clínica comum.
Não conseguiu evitar, acabou pensando em meninas que, sem dinheiro, recorrem a "açougueiros" para acabar com a gravidez e algumas vezes morrem por causa disso. Outras compram remédios para abortar e acabam tendo sérias complicações... Foi inevitável chegar à conclusão de que, apesar de todos os pesares, era uma menina de sorte por ter um namorado com a quantia necessária para lhe pagar o aborto num lugar decente. Ilegal, mas decente.
Correu tudo bem, mas, como suspeitava, foram terríveis os dias que sucederam à "operação". Pesadelos com o bebê, a desconfiança da mãe, que percebera o clima pesado dentro de casa. E, pior de tudo, a preocupação com sua vida dali para a frente. Gabriel tinha dois filhos, era casado há anos, em que roubada fora se meter! Nunca tinha sequer se imaginado numa situação dessas. Não desejava aquilo para sua maior inimiga.

Quando soube que Gabriel era casado, Luiza não conseguiu cobrar-lhe nada. Não conseguiu brigar, não conseguiu espernear como deveria, não conseguiu sequer chorar. Não teve forças. Afinal, esperava um filho e ouviu de um Gabriel superfrio que a solução era nada menos que tirar esse filho! E aborto era uma das piores coisas que podiam acontecer na vida de uma mulher, na sua opinião.
Não dava mais para adiar, precisava tomar uma decisão a respeito de Gabriel. E foi péssimo fazer isso. Ela o amava como nunca havia amado ninguém. Ele era casado e ser amante sempre fora uma das coisas que ela mais condenou. Trair alguém, mesmo sem conhecer esse alguém, nunca esteve nos seus planos. Achava baixo, imperdoável, nojento. Mas ele sempre foi tão carinhoso e amigo! Sempre a ajudou tanto, deu conselhos tão certos! Não fosse ele casado, seria o homem que pedira a Deus. Que dúvida, quantas interrogações!
Aos poucos, ela juntou as peças do quebra-cabeça montado pelo namorado. Entendeu que o jeitoso apartamento de Ipanema era na verdade um ponto de apoio dele no Rio e que as idas a Volta Redonda nunca existiram. Na verdade, Volta Redonda era Petrópolis, cidade serrana onde nascera, crescera e conhecera Angélica, sua mulher, a mãe de seus filhos.
O Natal e o réveillon que Gabriel prometera passar em família ao seu lado foram por água abaixo. Aliás, nunca iriam acontecer. Assim como a tal clínica do pai, que nem médico era, nem tampouco tinha essa dinheirama para investir num empreendimento do porte que Gabriel inventara. Tudo mentira.
Mas ela o amava tanto, tanto!

Mesmo com tanto amor, Luiza achava que jamais conviveria bem com aquela ladainha de cara casado. E Gabriel já tinha o discurso todo pronto: era "o casamento está acabado" para cá, "só não saio de casa por causa dos meus filhos" para lá, e assim por diante. Toda aquela velha e manjada lengalenga masculina.

Ela acabou entrando em depressão nesse processo de largar ou não largar Gabriel. Tentou dar-lhe um gelo de uma semana. Não quis vê-lo nem pintado de ouro no período pós-aborto. Foram sete dias sem o médico (a profissão foi uma das poucas verdades que ele contara) e, nesse tempo, achou sinceramente que ia morrer.

Morreu de saudade do seu cafuné, do seu cheiro, da sua voz, do seu carinho, da sua presença, do som da sua respiração. Estava num estágio de paixão daqueles, ela sequer imaginava que um dia poderia amar tanto, achava que isso era coisa de filme, de música do Chico. Não dava para voltar atrás, muito menos para negar seus sentimentos por ele.

Deixou a decisão por conta do coração e não deu outra: amava demais o namorado para deixá-lo. Lutar contra seus sentimentos foi opção descartada, eles eram muito mais fortes do que ela. A estudante de psicologia chegou à conclusão de que se terminasse com Gabriel, sua vida se transformaria num inferno maior ainda.

Por isso, perdoou as mentiras, fingiu que acreditou que o casamento dele estava acabado e lhe disse, com todas as letras:

- Claro que entendo você não sair de casa. Seria um absurdo você largar sua mulher com um bebê e uma criança pequena agora.

Em suma, Luiza estava cega. E assim, do dia para a noite, passou a ser, definitivamente, "a outra". No dia da decisão, 6 de novembro, ela anotou na agenda, antes de dormir: "Moral dessa história doida, que eu nunca achei que aconteceria comigo: nunca diga 'dessa água não beberei'."

Não foi preciso muito tempo para ela se conformar em ser "a outra" e, apesar de não ter sonhado com aquela situação, estava bem feliz por ter Gabriel por perto, mesmo que não fosse em tempo integral.
No papel de amante, Luiza aprendeu a respeitar os horários do médico, a cobrar atenção sem ser pegajosa e até a lhe dar conselhos sobre a educação dos filhos, vê se pode!
Verdade seja dita, depois que ela tirou o bebê que esperava, Gabriel ficou ainda mais carinhoso, o que a deixou mais derretida e, é claro, iludida com a esperança de que um dia ele cumprisse as promessas e deixasse a mulher para ficar com ela para sempre.
Ficou uns seis meses dividindo o tempo de Gabriel com sua rival Angélica sem maiores problemas. Claro, o médico sabia levá-la na lábia, dizia que ela era a dona de seu coração, sua preferida, sua amada. E Luiza, coitadinha, resolveu acreditar. E, pior, começava a gabar-se por ser a dona da situação. Sua cabeça funcionava mais ou menos assim: ela sabia da esposa, não o contrário. Ela era cúmplice; Angélica, a traída.
Mais dia menos dia Luiza teria de pensar em Penélope. Aconteceu num sábado chuvoso, quando teve todo o tempo do mundo para botar as idéias no lugar. Criticara tanto a amiga por ela ter ficado com Vicente, e agora era... uma concubina! De carteira assinada e tudo. Que ironia do destino!
Com esse relacionamento conturbado, Luiza viu que não adianta fazer tantos planos e nem tentar premeditar o futuro. Mas ainda havia uma esperança e era ela que a mantinha próxima a Gabriel. Mesmo se achando uma pessoa canalha, sem escrúpulos e sem caráter, ela acreditava que um dia (que não tardaria a chegar, ela rezava) o apresentaria orgulhosa para os amigos e a família, como seu marido.

O tempo foi passando, passando, a paciência de Luiza minguando, minguando. Um ano como "a outra", e as coisas mudaram bastante. Dividir Gabriel começou a deixá-la verdadeiramente angustiada, depressiva, sem rumo, atormentada, péssima mesmo. Nada a fazia esquecer que por causa dele tirara um filho da barriga, por causa dele passara por cima de todos os seus princípios morais e por causa dele ficava a maioria dos finais de semana sozinha, dentro de casa.

A verdade era nua, crua e cruel: na flor da idade, do alto dos seus 20 anos, ela era namorada de um cara casado, uma realidade que pesou feio sobre suas costas. Uma realidade vulgar, sem perspectiva, descabida, que alguns anos atrás não combinaria nada com ela.

Andava chorosa, sem ânimo para nada. Gabriel, para piorar a situação, começou a ficar distante, frio, mais ocupado. Uma Luiza amargurada começou a nascer. Derrotista, destrutiva, infeliz.

Tudo o que queria era se abrir, mas não tinha amigas, e sua mãe - que apesar de se aventurar em aulas de patina e dança de salão continuava a viver num universo paralelo - nem desconfiava do que estava acontecendo e, por isso, jamais poderia ajudá-la. Se pudesse, porém, criticaria cada passo da filha até ali. "E com razão", acreditava. "Até bem pouco tempo atrás *eu* seria a primeira a criticar qualquer pessoa que fizesse as loucuras que eu estou fazendo por um amor insano desses, um amor sem verdade, sem transparência. Sem futuro."

Enquanto Luiza tentava mas não conseguia tirar pensamentos negativos da cabeça, Gabriel seguia feliz, despreocupado, nadando e correndo na praia quase todo dia, consciência em paz, sorriso tranqüilo. E estava ótimo daquele jeito: tinha duas mulheres, filhos, emprego. O que mais o médico mentiroso poderia querer?

Outra mulher.
É, Gabriel era infiel por natureza.
O primeiro sinal de que ele tinha outra amante foram as ligações para o celular, que o médico sempre respondia constrangido. Sem contar que o carinho com Luiza diminuíra, os atrasos se tornaram mais freqüentes, o tempo era cada vez mais escasso quando estavam juntos...
Durante algumas semanas Luiza não percebeu, ou preferiu não perceber o óbvio, mas um dia ele pediu, do quarto:
-Traz para mim um copo d'água, por favor, Lucinha!
Na pequena cozinha, ao ouvir o pedido, Luiza ficou estática com a jarra de água na mão.
-Lucinha? - repetiu, entre os dentes. Gabriel veio lá de dentro correndo, sem graça.
-Lucinha? Eu te chamei de Lucinha? Não acredito, meu amor! Lucinha... quero dizer, dona Lucinha é uma paciente chata que me liga o tempo todo, já estou até falando o nome dela!
Tá bom!
Luiza entendeu na hora. Não tinha como fugir da verdade. Havia uma terceira personagem, era evidente. E ela se chamava Lucinha, e chegava para desestruturar ainda mais o triângulo em que se metera. Quis fazer um escândalo, jogar a jarra de água no chão, voar para cima dele aos prantos... mas sabia que de cabeça quente não se pode tomar nenhuma atitude. Abafou a vontade de escandalizar e aceitou o abraço do médico, tentando não parecer encucada com a novidade.

Mais tarde, indo para casa, pensou: "Que cara-de-pau! Ele está me enganando. De novo! Mas desta vez não vai ser fácil, não, doutor." A estudante de psicologia botou uma idéia fixa na cabeça: descobrir quem era a tal Lucinha. Chegou à conclusão de que se dissesse qualquer coisa agora ou se o colocasse contra a parede, Gabriel apenas negaria. Mas se ela descobrisse o caso ele simplesmente não poderia negar. E aí, sim, ela queria ver como o malandro reagiria.
Não poupou esforços para conhecer a nova "vítima" de Gabriel. Ficou obcecada com a idéia de saber quem era, o que fazia, onde morava, quantos anos tinha sua nova arquiinimiga. Uma noite, depois de deixar o apartamento do amante, por volta das oito, em vez de ir para casa, ficou escondida no carro, esperando-o sair. Ela tinha certeza absoluta de que ou ele sairia ou uma mulher apareceria por lá muito em breve. Foi um daqueles dias em que o médico estava com muita pressa.
Sua intuição estava certa. Em menos de dez minutos, a campainha da garagem anunciou a saída da caminhonete preta de Gabriel. Agachada perto do volante, para não ser vista, e tomada de raiva e ciúme, Luiza virou a chave e seguiu o namorado, que acelerou rumo ao Recreio dos Bandeirantes, bairro que fica a uns quarenta minutos de Ipanema.
O destino do médico loroteiro? Uma luxuosa casa na avenida Sernambetiba, de frente para a praia. Gabriel parou o carro do lado de fora, tocou a campainha, o portão abriu e ele entrou. Ficou horas lá dentro. E ela, horas estacionada do outro lado da rua, esperando, perto de umas árvores. O tempo passava e nada de Gabriel aparecer.

Luiza sentiu medo por estar num ambiente deserto e com pouca iluminação às dez e meia da noite; pensou só em coisas ruins, podia ser roubada, pior, seqüestrada. Naquele lugar bandidos poderiam fazer o que quisessem: levar seu carro, sua bolsa, machucá-la. Mas, apesar de toda a inquietação por conta do risco que corria ali, ela não arredou pé. O coração batia forte, alto, batidão, mesmo, parecia que uma *rave* animada acontecia naquele momento em seu peito. Ela estava quente por dentro, como se um vulcão estivesse prestes a explodir na sua barriga.
Sabia que o morador daquela casa não era paciente de Gabriel. Por isso continuava ali. Queria confirmar suas desconfianças.
E conseguiu.
Viu a hora em que ele saiu, por volta de uma e meia da manhã, aos beijos com uma mulher mais velha, que devia ter uns cinqüenta e poucos anos. Ela era loura, tinha os cabelos desalinhados na altura dos ombros, usava uma camisola longa, transparente, pouco escondida por trás de um robe. Os dois pareciam não querer se desgrudar, não paravam de se beijar, nem olhavam para os lados.
Dentro do carro, Luiza observava a cena sem piscar e sem conseguir conter a enxurrada de lágrimas que transbordavam dos seus olhos. Era tanto sentimento ruim junto... ciúme, ódio, rancor, repugnância, desgosto, tristeza, nojo, mágoa...
Sentiu-se a pior das mulheres, sentiu-se um nada.
Gabriel bem que tentava ir embora, mas a loura cinqüentona tanto seduziu que o médico cedeu e acabou entrando novamente. Só que desta vez ela abriu o portão, ele pegou o carro, que estava estacionado na rua, e o pôs na garagem. Ia passar a noite com a tal mulher.

Acuada no carro, com todos os sentimentos à flor da pele, Luiza encasquetou com um pensamento fixo: queria se vingar do desgraçado que transformara sua vida num inferno.
Respirou, enxugou as lágrimas e se recompôs antes de voltar para Ipanema. Foi para casa atônita, sentindo-se ridícula, enganada, traída. No caminho, começou a se fazer mil perguntas que jamais teriam respostas. Há quanto tempo Gabriel tinha a outra mulher? Será que era caso antigo? Conhecera na Internet também? Será que ela era uma entre várias que o palhaço tinha? Será que todas as palavras de amor ditas a ela serviam também para a mulher do Recreio? E para a esposa, o que ele costumava dizer? Que outras mentiras ele lhe contara?
Naquela noite, começou a arquitetar a melhor forma de fazê-lo sofrer. A partir daquele momento, só conseguia pensar em como destruir o amante, sua reputação, sua felicidade, sua família. Era uma meta, para a qual não pouparia esforços. Chegou em casa, conectou-se e leu o e-mail de um amigo virtual que sempre encerrava suas mensagens com dicas. A daquele dia foi, inacreditavelmente, a seguinte:
Vingança é um prato que se come frio.
Pronto. Foi a deixa para que ela armasse o plano friamente, nos mínimos detalhes. Nunca estivera tão decidida: queria acabar com o casamento de Gabriel. Seria essa a sua vingança. Ele não ficaria com ela, mas não seria feliz com mais ninguém.
O próximo passo era descobrir o rosto e os hábitos de Angélica. Queria contar tudo para a rival, tintim por tintim. Com um requinte de crueldade, é bem verdade. Além de falar de seu caso com Gabriel e da mulher do Recreio, diria como ele se referia a ela. Começou a preparar sua vingança e saboreou cada momento.
Primeiramente, diria a Angélica que o médico só falava das crianças com raiva, desprezo, impaciência. Mentira, claro.

Ele amava profundamente os pequenos, disso Luiza tinha certeza. Mas ela estava cega de ódio, queria inventar muito mais para a mulher de Gabriel. Inventaria, por exemplo, que ele só não se separava dela porque não queria dividir o patrimônio. Que ele reclamava do choro insistente do menor, que vivia com problemas de saúde e nunca o deixava dormir direito, e o quão decepcionante, ele dizia, era ter filhos com alguém que não se ama. Ainda mais quando esse alguém descuida do corpo e não faz nada para recuperar a forma depois de duas gestações.

Chegava a sorrir ao imaginar cada frase, seus olhos faiscavam. As únicas pessoas de que Gabriel realmente gostava na vida eram os filhos, Alan, o menor, e Mariana, de quatro anos. Ele ficaria absolutamente transtornado se Angélica sumisse com as crianças ou mesmo o impedisse de vê-las. E era exatamente isso que Luiza pretendia. Deixá-lo longe dos filhos. Nenhuma dor seria maior que essa para ele.

Um dia, enquanto Gabriel estava no banho, ela foi até sua pasta ver se achava o endereço de sua casa. Vasculhou cada compartimento, cada papel solto, cada envelope em busca de uma conta para pagar, uma correspondência, uma nota fiscal... Até que... fuçando um pequeno compartimento da pasta encontrou uma conta de luz. Urrou por dentro de felicidade e anotou rapidamente o endereço. Agora ela sabia o número da casa e o nome da rua onde Gabriel morava com a família, em Petrópolis.

Só faltava ter a prova do crime. Não queria apenas se aproximar de Angélica para dizer que era amante de Gabriel - isso era muito pouco. Queria mostrar as fotos que tiraram juntos, felizes, na praia, no apê de Ipanema... As fotos... ela só tinha umas quatro fotografias deles dois juntos. E pensar que ele relutara tanto para posar ao lado de Luiza... dizia não se achar fotogénico... Pois sim! A estudante de psicologia agora ansiava por provar que além dela existia outra e, quem sabe, muitas outras.

Lançou mão de sua máquina fotográfica digital, presente do pai, esquecida no armário desde que abandonara o curso de fotografia. Achou-se a própria James Bond de saias ao se ver limpando a lente e ajustando a camera para flagrar o casal de pombinhos.
Durante noites a fio, seguiu Gabriel ao seu ninho de amor com a segunda rival em busca do clique perfeito. Desejou veementemente que a cena do amasso na frente da casa, com a mulher de camisola, se repetisse. Não aconteceu. Foram noites e noites sozinha dentro do carro, naquele lugar ermo e escuro, à espera de um novo arroubo de paixão ao ar livre. E nada.
Até que, numa noite, Gabriel não entrou na casa, apenas buzinou. A mulher saiu, toda emperiquitada, cheia de pulseiras, e entrou no carro.
Luiza arregalou os olhos surpresa, curiosa. Foi atrás dos dois, que pararam num barzinho com música ao vivo a poucos quilômetros dali. Sentaram românticos numa mesa na varanda, deram as mãos, não tiraram os olhos um do outro, beijaram-se várias vezes. E Luiza, mesmo morrendo de medo de ser vista, fotografava escondida atrás de um carro, com o zoom no máximo.
Fotos feitas, ela resolveu ficar para ver o que os dois fariam. Um motel foi o destino do casal e Luiza, mesmo sem jeito com a máquina, já que estava ao volante, conseguiu fotografar o carro do namorado na entrada.
Agora, sim, estava feliz. A maioria das fotos tinha ficado ótima, bastava imprimi-las, colocá-las num envelope e apare cer de surpresa na casa de Gabriel num fim de semana para contar a Angélica quem era realmente o pai de seus filhos.

Mas não era só isso. O plano era fazer uma cena na frente de Gabriel. Ela queria ver sua reação, sua cara de bobo, podia apostar com qualquer um que ele tremeria de pânico. “Vai ser lindo!", ela comemorava por antecipação, os olhos cheios de ódio.

Subiu a serra ensaiando suas falas, sonhando momento de ver Angélica cara a cara. Os dois mora Roberto Silveira, não foi tão difícil achar - era a rua conhecido clube de Petrópolis.
Chegou ao endereço. Respirou fundo, sentiu um imenso, mas logo se lembrou do que Gabriel fizera com sua vida, do aborto, da traição com a mulher do Recreio, da de perspectiva que aquela relação lhe proporcionava, lotas na faculdade cada vez piores porque só conseguia p« ir na vingança... Tomou coragem e desceu do carro.
Tocou a campainha. Uma mulher atendeu o interfone a chegada a hora.
- Eu queria falar com a Angélica, ela está? - disse, firme.
- Não, quem quer falar com ela, é dona Charlote?
"Com essa Luiza não contava. Sua arquiinimiga não estava asa, que notícia péssima! Tinha de pensar rápido. Dona Charlote, quem poderia ser dona Charlote? De qualquer era uma amiga de Angélica. Pensou, hesitou por um momento, mas acabou respondendo:
-Sim, sou eu!
-Ah dona Charlote, a dona Angélica disse que não ia esperar a senhora mais não. A Marianinha estava muito inquieta. Mandou dizer que encontra a senhora lá no tal do Baixo Bebê, na festa do Lucas.
Luiza quase não acreditou. Angélica estava na praia Leblon, a poucos minutos de sua casa! Correu para o carro pisou fundo. Queria chegar logo, estava ansiosa para ver como era Gabriel em família e como seria sua reação ao vê- la aparecer na festa de um coleguinha de sua filha.

A idéia de fazer escândalo na frente de muita gente a deixava agitada. Desceu a serra a mais de cem por hora, com c rádio a todo volume. Cantando alto, parecia uma louca, de tão obstinada. Passava raspando por carros e caminhões, ria um riso nervoso, temeroso. Ela estava prestes a acabar de vez com a vida de casado de Gabriel. Acreditava que assim lavaria sua honra, sua alma, suas mágoas.

A estrada estava tranqüila e logo ela chegou ao Leblon. Estacionou o carro perto do Baixo Bebê, um quiosque simpaticíssimo onde um bando de pequerruchos passa boa parte da manhã ou da tarde brincando e bebendo água-de-coco, e ficou parada lá por alguns instantes. Olhou-se no espelho retrovisor e não gostou do que viu. Achou que estava pálida e irou da bolsa um batom. Fazia questão de estar linda.
Abriu a porta e começou a andar em direção ao quiosque. Logo avistou Mariana, uma criança fofa, pela qual Gabriel era completamente fascinado. Toda vez que falava nela mostrava sua foto, corujérrimo. Ela era realmente maravilhosa. Mais ainda pessoalmente. Cabelos cacheados, os olhos grandes e a bochecha fenomenal. Era ela, não havia dúvida. Não viu Gabriel no primeiro momento, só a menina. Fixou os olhos nela. "É só chegar lá e perguntar onde estão os pais dela", preparou-se. Antes tentou mais uma vez achar o médico na festa no meio dos adultos, mas ele, definitivamente não estava lá. "O escândalo não vai ser completo sem a presença dele", ponderou. E cogitou desistir.
Mas a cena estava tão incrivelmente perfeita, com as amigas de Angélica e Gabriel presentes... Seria um escândalo muito maior - e melhor - do que imaginara. Seria o comentário da festa e as fotos comprometedoras passariam de mão m mão. Por isso, pensou, pensou e... a ausência de Gabriel não a fez mudar de idéia.

Quando estava ensaiando como se aproximaria de Mariana, lembrou que havia esquecido no carro o envelope com as fotos.
Esperou inquieta o trânsito se acalmar, o sinal fechar. Atravessou a rua correndo, pegou o envelope pardo deixado no banco do carona como se fosse uma jóia, agarrou-o com força contra o peito e foi novamente em direção a sua vingança. Chegando perto, diminuiu o passo. Quando estava a poucos metros de Mariana, estacou.
Enquanto observava a menina, veio à tona tudo o que vivera até ali. Lembrou como fora enganada, como sua vida ia de mal a pior, e se assustou ao constatar o tempo que perdera com Gabriel, que de anjo tinha só o nome, mais nada.
Suas mãos suavam, chegaram a molhar o envelope. As placas vermelhas se anunciavam esquentando seu pescoço um nó nasceu e se instalou na garganta, mas ela não podia desistir. Gabriel não merecia complacência. Além disso, esperara tanto por aquele momento, empenhara-se tanto. Pla- nejou, fotografou, correu risco, empenhou toda a sua energia para aquela hora e ela enfim chegara.
Aproximou-se ainda mais do quiosque, a festa estava cheia, animada. Onde será que estava Angélica? Qual daquelas mulheres era Angélica? Luiza simplesmente não conseguia distingui-la no meio da pequena multidão de mães.
Deu de ombros. Não tinha problema, em breve ela saberia exatamente quem era Angélica. Caminhou decidida a embrenhar-se no meio da festa infantil e começar finalmente seu "show".
Antes de botar seu plano em prática, porém, ouviu uma voz familiar.
-Luiza?
Ela virou-se e teve a surpresa: era Penélope, atrás de um carrinho com um bebê dentro.

Seu coração disparou, seu estômago ardeu. Era aquela que um dia fora sua melhor amiga, com uma criança. Na mesma hora vieram-lhe à mente duas coisas tristes. Lembrou-se de tudo o que lhe dissera na lanchonete e do bebê que não tivera por culpa de Gabriel.
O choro veio até a boca, mas não podia chorar. Ficou sem ação. Chegou a ruborizar. Não sabia se ria ou se fingia que não a reconhecera, se virava as costas e seguia no propósito de ir até o quiosque fazer o que fora fazer, se sentava no chão e abria o berreiro. Aquilo não estava nos seus planos. Ver Penélope ali, com um bebê, na sua frente, e exatamente naquela hora, foi um baque violento. Fazia tempo que tudo acontecera. Dois anos.
Penélope também não estava nada bem com aquela situação. Sentia-se tão desconfortável quanto Luiza, mas não demonstrava. Não estava nem um pouco à vontade, com sua boca seca e o corpo parecendo que ia entrar em ebulição... Só que disfarçava bem. Agia com uma naturalidade espantosa.
-Penélope! Há quanto tempo... É sua?

Foi tudo o que Luiza conseguiu perguntar, apontando para a menininha que dormia, com a voz falhando e os olhos se enchendo d'água.
As duas não se aproximaram. Nem mesmo para um cumprimento cordial. Era como se as solas de seus sapatos estivessem coladas ao chão. Limitaram-se apenas a um leve sorriso e permaneceram de pé, uma de frente para a outra, mantendo uma considerável distância.
-É, Luiza. Essa aqui é a Vida, de longe a melhor coisa que eu já fiz.

Penélope nesse momento também deixou a voz falhar. Apesar da armadura que vestira para esse diálogo, seu nervosismo agora começava a ficar mais transparente, não conseguia parar de morder os lábios - essa era sua atitude característica de quando estava tensa.

-Vida... - suspirou Luiza.

Penélope estava visivelmente emocionada. Sentiu vontade de perguntar muitas coisas, mas não conseguiu. Só conseguia olhar no fundo dos olhos de Luiza, o que valia por mil indagações. Percebeu que algo estava errado, conhecia como poucos aquele olhar.

Ambas sentiram um misto de repulsa, mágoa, medo, carinho, ressentimento. Pararam no tempo. Olharam-se tanto, e com tanta vontade, que parecia que se encaravam há horas ali, de pé, bem próximas ao Baixo Bebê. E como fez bem se olharem! Naquele momento, nem a barulheira das crianças no quiosque atrapalhou a sintonia entre as duas. Nem tampouco a brisa que bagunçava seus cabelos.

Luiza também queria dizer muita coisa, explicar outras. Sua vontade era perguntar por onde Penélope andara, o que fizera depois que ficou com Vicente. "Vicente...", pensou, concluindo logo em seguida que nem se lembrava direito dele, essa era a verdade. Estava tudo tão longe... Tão distante...

Definitivamente, o assunto não ia voltar ao passado.

-Cadê o pai?

-Não tem pai. É produção independente. E com muito orgulho!

Com essa frase a fortaleza de Luiza desabou. Os ombros ruíram, a expressão alterou-se, o coração doeu, murchou. Penélope tivera peito para topar uma produção independente, mesmo com todos os problemas e dificuldades que uma atitude dessas pode gerar.

Ela não. Abortou o filho, a maternidade, o sonho de botar uma criança no mundo. Mais uma vez teve vontade de aplaudir Penélope de pé. Invejou sua força, sua iniciativa. Era a Penélope que ela sempre conheceu. Só que agora, mãe de uma gorducha. Uma gorducha que ela também poderia ter ao lado caso tivesse ignorado o medo e mandado Gabriel às favas quando ele sugeriu o maldito aborto. Sabia que pela ordem natural das coisas um bebê deveria fazer parte da sua vida naquele momento. Seria seu companheiro e lhe daria orgulho, felicidade, sorrisos.

- Eu sempre invejei sua força, Penélope. Sempre te invejei, para falar a verdade - desabafou Luiza, meio sem pensar, olhando para baixo.

- Não tem nada que invejar! - disse Penélope, surpresa com a declaração. - Não foi produção premeditada, não. Fiz a burrice de transar sem camisinha, contei para o cara e ele simplesmente sumiu, evaporou. Você acredita que nos dias de hoje ainda existem caras covardes assim?

Penélope era boa fingidora. Na verdade, tremia que nem vara verde. Não era fácil rever a pessoa que num momento de raiva a magoara com palavras tão vis. Também foi difícil ignorar a peça que o destino lhe pregara, promovendo o reencontro, de forma inusitada e numa cidade grande como o Rio, com a pessoa que mudara sua vida por completo.

As duas estavam bastante sem jeito e, se não conseguiam se aproximar para um contato físico, também não conseguiam pensar em ir embora. Uma coisa forte as prendia ali.

- E você não ficou com medo de encarar essa barra sozinha?

- Eu não estava sozinha, Luiza. Estava com o Emílio. Ele é tio e pai dessa criança.

Nessa hora a bebê acordou, deu uma espreguiçada, fez todos aqueles deliciosos barulhinhos de neném. Penélope se aproximou dela e disse:

-Acordou, meu amor? Olha, essa é a tia Luiza! Tia Luiza.

Em nenhum momento elas se trataram com sarcasmo ou desprezo. Por mais estranhamento que a situação causasse.

-Oi, Vida, tudo bem? - disse Luiza, emocionada, mexendo nos cabelos da criança, olhando as covinhas das mãozinhas. - Mas você falou no Emílio, que saudade dele... Depois que... Bem, depois daquilo tudo nunca mais o vi.
Novo silêncio. Era a primeira vez que a traição era mencionada. Penélope respirou, estalou todos os dedos, nervosa, olhou para os carros passando na Delfim Moreira, e olhou para o céu antes de encarar Luiza e dizer:
-É, ele está morando em Nova York comigo há mais de um ano. E não vai sair de lá tão cedo, acho que encontrou o amor da vida dele, está completamente apaixonado!
-Nova York?
- Pois é, menina! Acabei me dando bem naquela terra fria. Estou aqui de visita, vim apresentar a neta ao avô.
- Mas o que vocês estão fazendo lá? - sucumbiu Luiza à curiosidade.
Àquela altura, vencido o constrangimento da alusão à traição, as duas começavam a relaxar e permitiam-se sorrir de vez em quando - mesmo que um sorriso tímido. E continuaram, agora mais calmas, a conversar.
-É uma longa história. Fui para lá estudar teatro. Meus pais descolaram a grana e eu me mandei. Não estava nada a fim de ficar no Brasil, não queria ficar nem mais um dia por aqui - disse Penélope, virando a cabeça para se esquivar do olhar de Luiza.
Luiza, por sua vez, baixou os olhos. Só naquele momento percebeu que por sua causa Penélope largara tudo. Faculdade, apartamento, curso de teatro, amigos.
-Achei que fosse virar atriz famosa nos Estados Unidos, sabe? Mas acho que nunca nenhuma pessoa foi tão reprovada em testes como eu! Fui um desastre, um desastre completo! Acho que eu sou péssima atriz. Uma atriz cocô!

As duas riram como riam antes do episódio Vicente. Riram como cúmplices.
- Claro que não, Penélope, você é ótima! Você brilha quando está em cena - disse Luiza, acreditando sinceramente em cada palavra.
- Puxa, obrigada... - agradeceu feliz o afago no ego.
- Mas se nada deu certo em Nova York o que você ainda está fazendo lá?
- Menina, no dia em que eu achei que seria o pior dia da minha vida, caí no colo de um cara no metrô e minha vida mudou completamente.
- Não acredito! Por quê?
- Porque o homem era produtor de moda, Luiza! E dos mais badalados. Faz produção para os ensaios fotográficos da *Vogue, Vanity Fair, Rolling Stone* e *Harper's Bazaar* e assina o figurino de várias séries de televisão famosas por lá. De repente, ele começou a berrar no meio do metrô: "Que bom que você caiu no meu colo! Que bom!"
- Que legal, Penélope! - comentou Luiza.
- Primeiro achei que ele era o maior maluco, mas depois não acreditei na minha sorte! O homem pirou naquela minha gargantilha azul que você sempre pedia emprestada, lembra?
- Claro que lembro... - disse Luiza, lembrando-se de mais um monte de outras coisas do tempo em que convivia quase que diariamente com Penélope.
- Pois é, ele perguntou onde eu tinha comprado, eu disse que eu mesma fazia, ele falou que há tempos estava à procura de bijuterias diferentes como aquela, pediu meu telefone, fui ao escritório dele com as minhas peças, ele amou e me chamou para trabalhar em sua equipe. Agora minhas *bijus* estão no pescoço, nos braços, tornozelos e na cintura de um bando de descolados de Nova York!
- Caramba! Parabéns. Fico feliz de verdade pelo seu sucesso. Você sempre foi talentosa, criativa... merece ficar famosa. - Luiza abriu a guarda.

- Eu não fiquei famosa, as minhas bijuterias ficaram. Não é engraçado? Elas aparecem na televisão e nas revistas a toda hora, eu não. Morro de inveja delas!
As duas riram mais uma vez, dessa vez um riso mais solto, que usava toda a extensão da boca.
- E onde é que entra o Emílio nessa história?

- As *bijus* começaram a me dar um bom dinheiro. Aí descobri que estava grávida e chamei o Emílio para morar comigo e para me ajudar na confecção das peças. Graças a Deus ele topou. Eram muitas encomendas, eu não podia negar trabalho, precisava da grana, em breve teria mais um estômago para alimentar. Com o Emílio por perto a produção nunca diminuiu, mesmo depois da chegada da Vida, que é pequenininha, mas dá um trabalhão.
- Imagino! Poxa, que amigão o Emílio foi, hein? Ele continua o mesmo?
- O mesmo. Aquela alegria que você conhece bem, aquele jeito purpurina, feliz da vida 24 horas por dia! Ele levou isso tudo para Nova York, um lugar frio, com pessoas geladas. Deu uma virada na minha rotina.
"Nossa! Quanta coisa se passou na vida da Penélope", pensou Luiza. "E ela fala dos fracassos com a maior naturalidade, com alegria, até! Que inveja, meu Deus, me perdoa! Mas como é que ela sempre consegue fazer a coisa certa quando a vida impõe uma decisão? Como? Por que eu nunca soube fazer isso? Por quê?"
- Caramba, Penélope! E a Vida? Como foi que você teve tempo com tanto trabalho?
- Tempo para fazer a gente sempre tem, né, Luiza? Isso é o de menos!

As duas riram novamente. Estavam mais soltas apesar do desconforto de estarem em pé. Penélope até começava a gesticular e os silêncios no diálogo eram cada vez menores e menos freqüentes. O que Luiza invejava em Penélope era a naturalidade com que ela encarava a vida e a maturidade e os pés no chão com que passava pelos problemas.
-E o pai? Quem é?
-É um produtor, amigo de um amigo do Joey, o anjo que me descobriu no metrô. A gente começou a sair, estava bom pra caramba, até que um dia acabei transando sem camisinha depois de uma festa.
-Caramba... Mas vocês estavam namorando sério?
-Ele não saía da minha casa, estávamos quase morando juntos! Já tínhamos até feito o exame, para ver se um de nós tinha AIDS ou alguma doença sexualmente transmissível. Tudo ótimo. Até eu descobrir que estava grávida. O resto você já sabe. Engravidei, contei e o cara sumiu.
-Que idiota! Que covarde.
- Também acho, mas quer saber? Eu não era apaixonada não. Nem sofri tanto pela ida dele; sofri mais pela falta que um pai faria ao meu bebê.
- Vocês namoravam há quanto tempo?
- Uns cinco, seis meses, nem sei ao certo.
- E depois que ele foi embora, em nenhum momento você pensou em tirar?
- Nunca! Achei que um bebê só ia me dar alegria naquele lugar de gente antipática.
- Guarda muita mágoa dele?
-Já passou. Se ele um dia aparecer querendo conhecer a Vida, eu não vou negar. As pessoas erram, Luiza. É humano.
O clima pesou. De novo. Longa pausa.
-E você, o que está fazendo aqui? - perguntou Penélope, tentando quebrar o gelo que criara sem querer.

Se Luiza seguisse seu impulso teria se atirado sobre Penélope para se esvair de tanto chorar nos seus braços. Por alguns instantes, esquecera o que fazia ali, mas logo as vozes das crianças ao lado refrescaram sua memória.
Lembrou-se de todo o ódio e o rancor que acumulara ao longo do tempo, do trabalho meticuloso que tivera para acabar com o casamento de Gabriel, de todos os pensamentos ruins, das frases cruéis que ensaiara para dizer a Angélica, de Mariana brincando com outra criança...
- Nada. Estava só dando uma volta, olhando o mar.
- Estava é olhando as crianças no Baixo Bebê, pensa que eu não percebi? Você não está...
- Não, Penélope. Não estou nem penso em ficar grávida - cortou Luiza, seca, com uma vontade imensa de desabar em prantos.
Não precisaram mais palavras. Penélope percebeu a angústia de Luiza e logo tratou de mudar de assunto.
-Vem cá, você ainda gosta daquele sorvete de chocolate branco com pitanga, do Mil Frutas?
Em princípio, Luiza olhou desconfiada para a amiga, mas logo chegou à conclusão de que o rosto de Penélope trazia estampado o sorriso mais simpático, sincero e convidativo que alguém lhe dera nos últimos tempos.
- Gosto muito - disse baixinho.
- Então vamos? Vai ser por minha conta!
Luiza respirou fundo. Olhou o envelope. Olhou para as crianças divertindo-se na festinha. Olhou para Penélope, que não fazia a menor idéia do quanto a estava ajudando naquele momento.
- Deixa eu fazer só uma coisinha antes? - pediu Luiza.
- Claro.

Andou até o quiosque, procurou por Mariana e logo a encontrou. Agora ela estava comendo uma papinha laranja, dada por, não restava dúvida, Angélica. Era Angélica, Angélica!, e ela estava ali, tão perto, enchendo de beijos empolgados a bochecha da filha ao fim de cada colherada. Luiza fixou-se na cena por alguns segundos, ouvindo apenas a batida forte do seu coração.

Olhou em volta e encontrou o que procurava: uma lata de lixo. Foi até lá e livrou-se daquele envelope deixando junto com ele um caminhão de sofrimento e sentimentos e lembranças ruins. Depois, dirigiu-se a Penélope. Bem mais leve e com a cabeça livre de maus pensamentos.

- Vamos?

- O que tinha naquele envelope?
- Nada de mais. Só uns papéis sem importância. Vamos pegar um táxi ou vamos a pé?
- Ainda preciso perder uns quilinhos que ganhei na gravidez, Luiza, não vem com idéia errada, sua sedentária! Vamos andar, porque caminhar nessa cidade linda, além de fazer bem para as pernas, faz bem para os olhos!

As duas sorriram. Luiza deu uma olhada na pequena Vida, que dormia como um anjinho novamente, pôs-se ao lado da amiga, botou a cabeça sobre seu ombro e deixou uma lágrima cair sem que ela percebesse. Foi o máximo que se permitiu. Penélope, por outro lado, fechou os olhos, sorriu feliz, com o coração a mil, e fez um ligeiro cafuné na cabeça de Luiza. Nada mais.
Ainda havia uma barreira, elas tinham plena noção disso. Mas também sentiam que em pouco tempo ela desapareceria. E tinham certeza de que, mais cedo ou mais tarde, um abraço forte e cheio de saudade esmagaria o rancor, as palavras ferinas, a mágoa. É... No fundo, continuavam amigas de verdade, daquelas que nunca se separam, nem mesmo para ir ao banheiro. Naquele instante, mesmo imersas em desconforto e nervosismo, entenderam o quão forte era aquela amizade. E estavam certas de que, apesar do passado, ela nunca iria mudar. Nunca.
Andaram sem compromisso pelo calçadão, abençoadas pelo sol que ainda brilhava forte no céu

FIM